



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA COMPARADA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA E HISTÓRIA

Dissertação

RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO NA OBRA DE LUANDINO VIEIRA

Luciane Oliveira Ribeiro

Pelotas

2015

Luciane Oliveira Ribeiro

RESISTÊNCIA E DESCOLONIZAÇÃO NA OBRA DE LUANDINO VIEIRA

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado – do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras, área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador:Alfeu Sparemberger

Pelotas

2015

Ficha Catalográfica

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catálogo na Publicação

R484r Ribeiro, Luciane Oliveira
Resistência e descolonização na obra de Luandino Vieira
/ Luciane Oliveira Ribeiro; Alfeu Sparemberger, orientador.
— Pelotas, 2015.

101 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2015.

1. Literatura angolana. 2. Descolonização. 3. Luandino
Vieira. 4. Literatura comparada. 5. Resistência. I.
Sparemberger, Alfeu, orient. II. Título.

CDD : A86

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

Luciane Oliveira Ribeiro

Resistência e Descolonização na obra de Luandino Vieira

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Literatura Comparada, da Universidade Federal de Pelotas.

30 de abril de 2015

Banca examinadora:



Prof. Dr. Alfeu Sparemberger
Orientador/Presidente da Banca
Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo



Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas
Membro da Banca
Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Aulus Mandagará Martins
Membro da Banca
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho à minha família.

Agradeço a Deus, aos amigos, colegas e, principalmente, ao meu orientador, professor doutor Alfeu Sparenberger, e, ainda, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram com este trabalho.

O espaço profanado pelo outro, pelo colonizador, é realidade evidente na agressão, na repressão, na destruição do ser. O caos está implantado. Mas os sintomas da reabilitação do ser, da reconstrução do espaço sagrado (Luanda=Angola), começam a desenhar-se. Desenvolve-se condições para a apreensão e consciencialização das profundas contradições de uma sociedade colonialista.

Manuel Ferreira

As jovens gerações desconhecem ou têm uma ideia imprecisa do que eram esses tempos tortuosos do fascismo, desses tempos em que falar de cultura, de autêntica cultura, equivalia a desafiar as pistolas de todos os grandes e pequenos ditadores.

Manuel Ferreira

RESUMO

RIBEIRO, Luciane Oliveira. **Resistência e descolonização na obra de Luandino Vieira**. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Literatura e História) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada do Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

O presente trabalho analisa duas obras de Luandino Vieira produzidas em momentos históricos distintos: a primeira, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1961), produzida durante a colonização, e a segunda, *O Livro dos Guerrilheiros* (2009), no momento de descolonização e já como memória da guerrilha. As duas obras discutem a violência sofrida pelo colonizado e também as ações que estes realizavam por meio da guerrilha para alcançar o projeto de descolonização de seu país. As reflexões neste trabalho passam também pela importância da escrita de Luandino, analisando a literatura de resistência, o papel da literatura, os instrumentos de resistência, como a escola e sua importância política e cultural, e as ações da guerrilha a fim de concretizar a liberdade. Para tanto, estes estudos são feitos a partir dos textos literários que compõem o objeto deste trabalho. É por intermédio destes textos, do modo de construção literária e, mais especificamente, por meio da movimentação de suas personagens, que todas estas questões são problematizadas.

Palavras-chave: Literatura angolana. Luandino Vieira. Resistência. Descolonização. Literatura Comparada.

ABSTRACT

RIBEIRO, Luciane Oliveira. **Resistance and decolonization in Luandino Vieira.** 2015. 150f. Dissertation (Master Degree in Comparative Literature) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

This work analyzes two titles of Luandino Vieira produced in e historical periods: the first, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*(1961), produced during colonization and the second, *O Livro dos Guerrilheiros*(2009), at the time of decolonization, with the guerrilla as a memory. The two discuss the violence suffered by the colonized and the actions that they performed through the guerrilla to achieve the decolonization in his country. The reflections in this work encompasses the importance of the Luandino's writing, analyzing resistance literature, literature role, the resistance instruments, as the school and its political and cultural importance, the guerrilla actions in order to achieve freedom. Therefore, these studies are made of the literary texts that make up the object of this work. Is, through these texts, the way of literary construction and, more specifically, by the shift of their characters that all these issues be problematize.

Keywords: Angolan Literature. Luandino Vieira. Resistance. Decolonization. Comparative Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
1.1. Vida e obra de Luandino Vieira	13
1.2. Uma Literatura Compromissada	17
1.3. Resistência e Descolonização: aspectos gerais	25
CAPÍTULO 2	
A Vida Verdadeira de Domingos Xavier	34
2.1. Resistência	34
2.2. Escola – espaço de resistência	43
2.3. A Ética na Guerrilha	48
CAPÍTULO 3	
O Livro dos Guerrilheiros	63
3.1. A Guerrilha e Suas Ações	63
3.2. A Luta Pela Descolonização	70
3.3. A Escrita de Resistência de Luandino Vieira	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Este texto aborda o projeto de engajamento do escritor José Luandino Vieira, autor das obras que aqui serão analisadas: *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1961) e *O Livro dos Guerrilheiros* (2009). Adiantando um pouco da biografia do referido escritor, ressalta-se que ele esteve preso em 1959 acusado de envolvimento com grupos que queriam a independência de Angola. É neste contexto de opressão, no início dos anos 60, que ele escreve a primeira narrativa que será abordada nesta Dissertação. Meses depois da circulação do livro – a publicação somente ocorreu em 1971, em Paris – o autor volta a ser preso e é condenado a 14 anos de prisão, pena a ser cumprida no Tarrafal, em Cabo verde.

Uma importante informação acerca da trajetória de Luandino é o seu engajamento político enquanto intelectual atuante na vida social angolana da época; um intelectual com posição marcada contra a opressão do regime colonialista português, sob o jugo do seu líder Antônio de Oliveira Salazar. O governo ditatorial se estenderia até 1974, quando houve a Revolução dos Cravos, em Portugal, mas a independência de Angola somente viria no ano seguinte, em 11 de novembro de 1975.

A segunda narrativa analisada neste texto foi escrita quase quarenta anos depois (2009) do lançamento do primeiro texto que aqui será também estudado. O contexto político e histórico em Angola já apresenta, então, outra configuração. A sociedade angolana já não está mais sob o jugo da colonização portuguesa, e Luandino goza de liberdade política e de liberdade de expressão.

O propósito deste texto, tendo em mente as informações supra, é investigar a relação dessas narrativas, em que a primeira, escrita em 1961, se apresenta como um indicativo de caminho para a Revolução Angolana, ou seja, uma espécie de mobilização de estratégias bem-articuladas a fim de chegar ao objetivo principal. Este indicativo, entretanto, é construído por meio da trajetória de cada personagem e obviamente do autor, posto que todos se apresentam engajados em um processo revolucionário que incitava, mais ou menos explicitamente, a consciência de classe, a valorização da cultura e a rede de solidariedade e resistência. Também crescia a luta de resistência contra a colonização e se articulavam os movimentos de libertação por meio da guerrilha, sem perder o mote de tudo isto: a escrita de Luandino e a importância de sua literatura.

O primeiro capítulo é construído com o intuito de fazer uma espécie de estrutura para os assuntos que serão desenvolvidos nos segundo e terceiro Capítulos desta Dissertação. Sendo assim, o primeiro Capítulo e os outros serão divididos em três partes ou três subcapítulos. O primeiro subcapítulo tem o título de *Vida e Obra de Luandino Vieira*, em que é realizado um breve levantamento biográfico do escritor, elencando sua produção literária, sua formação, os cargos que ocupou bem como os prêmios recebidos em virtude da sua carreira literária, e é finalizado com uma indicação bibliográfica, a qual será utilizada para formar este texto.

O subcapítulo seguinte é rico em uma literatura compromissada, em que será feita a apresentação das duas narrativas trabalhadas, mostrando o contexto de lançamento destes livros e o conteúdo que ambos abordam por meio de uma análise introdutória, pois o estudo mais detido será realizado nos capítulos seguintes. A terceira e última parte deste primeiro momento reflete sobre a *Resistência e Descolonização: aspectos gerais*, quando introduz os conceitos destes temas que serão desenvolvidos no terceiro Capítulo.

O segundo Capítulo, cujo título é o nome do romance que será analisado – *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* –, segue a mesma configuração – divisão em três partes. A primeira está intitulada *A resistência*, com uma reflexão sobre este assunto e também como esse movimento acontece na escrita de Luandino, e tudo isto é desenvolvido e ancorado na teoria de

Literatura de Resistência. A segunda parte prossegue debatendo a resistência, mas agora dentro de um espaço social de grande relevância para os articuladores da guerrilha – a escola – e aqui, neste momento, são apresentados os motivos de tanta atenção para este local, que, para os ativistas, ultrapassava o conceito de simples lugar de aprendizado e ensino; era um espaço de luta e afirmação da cultura e identidade. A última parte deste segundo Capítulo discute algumas noções da ética impetrada pela guerrilha, ato este que pautava a solidariedade e união de objetivos, a fim de chegarem ao objetivo principal: a descolonização do povo angolano.

Por fim, o terceiro Capítulo, assim como o segundo, possui o título da narrativa que está em análise – *O Livro dos Guerrilheiros* – que discute mais detidamente as questões sobre a guerrilha e suas ações e, também, articulações e enfrentamentos com o colonizador português, tendo como introdução uma breve apresentação da História de Angola. Seguindo, a segunda parte deste Capítulo analisa as lutas realizadas pela guerrilha – lutas de ideias e lutas armadas propriamente ditas. Finalizando o texto, é feita uma discussão sobre a produção do escritor em questão, sob o título *A escrita de resistência de Luandino Vieira*. Neste momento são levantadas reflexões sobre a importância do escritor que está inserido em contextos específicos, como o de colonização, o de opressão vivida por um povo, no caso o povo angolano, o papel da literatura e a intenção do escritor ao construir esta narrativa após alguns anos de descolonização, sob a base do seu engajamento político e social que mantém o seu projeto de libertação deste povo do qual ele faz parte.

CAPÍTULO 1

Podemos compreender que há autores que se convertem em personagens de grandes textos que, mesmo não escritos, ajudam-nos a compreender a história de outras terras e outras gentes. José Luandino Vieira é um desses casos em que as trilhas da ficção se misturam aos caminhos da realidade e acabam por determinar mudanças efetivas nos dois terrenos, o do concreto e o do imaginário

Chaves

1.1 Vida e Obra de Luandino Vieira

Este texto aborda o projeto de engajamento à causa de descolonização em Angola – África, por meio da resistência, visando à descolonização efetiva do país onde vivem os personagens das narrativas que estão em discussão, país este que fora colônia de Portugal.

O escritor José Luandino Vieira é um dos protagonistas desta ideação dos angolanos inscritos nesta causa. Por viver em situação de colonizado, e por firmar posição de resistente em relação à colonização, o escritor esteve preso em 1959, acusado pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (Pide) – órgão de repressão do governo português – de envolvimento com grupos que lutavam pela independência de Angola, uma vez que era membro do Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA).

É, pois, nesse contexto – início dos anos 60 do século 20 –, que ele escreve a primeira narrativa que aqui é problematizada, considerando que a segunda narrativa, também trabalhada neste texto, fora escrita bem mais recentemente. Entendendo que estas narrações contêm um forte cunho resistente, é importante apontar uma característica acerca da trajetória de Luandino, característica esta que pauta, ainda hoje,¹ toda sua trajetória como

¹ Após um hiato de quase trinta anos sem lançar no mercado nenhum livro, Luandino, em 2009, publica o primeiro título de uma trilogia chamada *De Rios Velhos e Guerrilheiro – O Livro dos Rios* (2009).

escritor: o seu engajamento político enquanto intelectual atuante na vida social angolana da época. Luandino possui, com isto, a distinção de escritor ativo, engajado na causa de um povo e dos problemas sociais pelos quais este povo passa; por isso ele se enquadra no que destaca Walter Benjamin em relação à missão do escritor comprometido: “A missão do escritor operativo, não é relatar, mas combater, não ser espectador, mas participante ativo”(1987,p. 121).

Em virtude desta característica supracitada, Luandino, por meio de suas histórias, esclarece o porquê de ser um intelectual com posição marcada contra a opressão do regime colonialista português, cujo líder era Antônio de Oliveira Salazar. O governo ditatorial se estenderia até 1974, quando houve a Revolução dos Cravos, em Portugal. A independência de Angola só viria no ano seguinte, em 11 de novembro de 1975. Assim sendo, o escritor conclama em seus romances as personagens a engajarem-se nessa jornada de resistência *versus* o despotismo.

Ampliando ainda as informações sobre as ações do escritor, ele também, participou, de modo mais efetivo, da articulação dessas estratégias em prol dos revolucionários. Foi militante do Movimento para a Libertação de Angola (MPLA), e após a independência contribuiu para o processo de consolidação da República Popular de Angola, sendo, inclusive, dirigente do Departamento de Orientação Revolucionária desse mesmo movimento em 1979.

Dando prosseguimento à trajetória de José Luandino Vieira, evidencia-se que ele é um escritor que tem sua caminhada de luta reconhecida, principalmente, pela sua escrita. Recebeu os seguintes prêmios: Sociedade Cultural de Angola (1961), Casa dos Estudantes do Império – Lisboa (1963), Mota Veiga (1963), Associação de Naturais de Angola (1963), Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (Prémio Camilo Castelo Branco) (1965). Ainda, após alguns anos da independência de seu país, o escritor recebeu o Prêmio Camões (2006), porém ele o recusou alegando motivos particulares.

Além de colaborar em jornais de Angola, e também em periódicos na capital de Portugal, Lisboa, Luandino ainda foi secretário geral da União dos escritores Angolanos, diretor da Televisão Popular de Angola, diretor do Instituto Angolano de cinema, etc. Por ter toda esta experiência, e

principalmente por ser perspicaz e dono de uma inventividade engenhosa, ele consolidou seu lugar no rol de escritores que lançam mão de estratégias de tessitura textual impressionantes.

Este angolano faz uma literatura com narrativas marcantes que lidam com a língua de modo estratégico e poético, com o uso também de uma linguagem fílmica na arquitetura do texto, com metáforas e espécie de construção fabular com determinadas características, como narradores intrusos, dialógicos, crianças perspicazes e guerrilheiros (as questões sobre as crianças e os guerrilheiros serão ampliadas nos segundo e terceiro Capítulos desta Dissertação), enfim estratégias peculiares que formam um tipo de poética do engajamento e da resistência. Essa literatura de Luandino aponta claramente para uma função bem-marcada: a conscientização de que sua terra deve ser libertada e entregue a seu povo:

A Literatura é, talvez, dentre as criações culturais, aquela em que melhor pode obter-se o equilíbrio dinâmico entre homogeneidade e fragmentação. Não admira que alguns destes intelectuais e, sobretudo, Fanon tenham dado à Literatura o estatuto de instrumento privilegiado na construção da consciência nacional (SANTOS, 2006, p.239).

Luandino Vieira, por tudo isso, é considerado um escritor influente e inventivo, um pioneiro em textos de ruptura que misturam a linguagem popular de Luanda com a linguagem do branco elitista; mistura, também, como declarado anteriormente, os discursos, tanto que escritores, pós Luandino em Angola, afirmam que é difícil inovar sem prestar contas a ele. Decididamente, ele escreveu sua própria história e a de seus irmãos angolanos, deixando um legado indelével para a construção e afirmação histórica e social de sua nação:

Luandino vai aprender as regras estratégicas de sua produção, juntamente com a influência do neo-realismo português, tornando-se a expressão mais acabada e fulgurante no movimento cultural e político de Cultura. O empenhamento da denúncia declarada da opressão colonialista, em textos inequivocamente e marcados pela pré-angolanidade, com discursos próximos (não mimeticamente) da linguagem popular de Luanda, a representação de personagens homólogas de figuras típicas da sociedade dos musseques (=favela), tudo isso contribuiu para tornar Luandino o mais representativo, singular e influente escritor da África de colonização portuguesa (LARANJEIRA, 1979, p.86).

Sendo assim, a fim de entender melhor a relevância do escritor, seria pertinente apresentar as produções de Luandino que passam pelas colaborações jornalísticas em periódicos e vão até as escritas literárias como os contos, os romances e as histórias infantojuvenis, que são os seguintes: textos em jornais: *Mensagem, da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa* (Lisboa, 1950, 1961-1963), *O Estudante* (Luanda, 1961), *Cultura* (Luanda, 1961), *Boletim Cultural do Huambo* (Nova Lisboa, 1958), *Jornal de Angola* (Luanda 1961-1963), *Jornal do Congo* (Carmona, 1962), *Vértice* (Coimbra, 1973), *Jornal de Luanda* (1973); os contos são: *A cidade e a infância* (1957), *Dois histórias de pequenos burgueses* (1961), *Luanda* (1963), *Vidas novas* (1968), *Velhas histórias* (1974), *Dois histórias* (1974), *No antigamente, na vida, Macandumba* (1978), *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu*, 1981, *História da baciazinha de Quitaba* (1986).

Ainda existem os romances que completam a produção do autor: *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1961), *João Vêncio. Os seus amores* (1979), *Nosso Musseque* (2003), *Nós, os do Makulusu* (1974), *O livro dos rios*, primeiro volume da trilogia *De rios velhos e guerrilheiros* (2006), *O Livro dos Guerrilheiros* (2009). Finaliza-se a apresentação das produções infantojuvenis: – *A guerra dos fazedores de chuva com os caçadores de nuvens. Guerra para crianças (infantojuvenil)* (2006), *Kapapa: pássaros e peixes* (1998), *À espera do luar* (1998).

Tendo, então, uma breve ciência sobre o escritor estudado neste texto e sua consistente produção, é pertinente apresentar as obras que serão objetos de estudo desta Dissertação; obras estas consideradas emblemáticas por terem na sua organização textual todos os elementos marcantes de resistência política e intelectual empregados pelos angolanos engajados no projeto de descolonização de seu país, Angola. Estes elementos linguísticos elegem a língua e a linguagem do colonizado com o propósito de valorizar o desejo do angolano em ter o seu discurso e a sua história respeitados. “...Um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que destroem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2006, p.233).

Assim, a escolha destas obras se deu em razão do projeto bem-lastreado de Luandino, que visa a apresentar uma Angola para os angolanos e que, para tanto, esquadrinha aspectos de grande relevância ao estudo que é erigido neste trabalho, voltado às questões de resistência e descolonização.

Observa-se que as narrativas analisadas possuem grande fortuna crítica, por obviamente serem largamente estudadas em virtude da grande proeminência literária, política e social da escrita deste autor.

Ainda sobre a fortuna crítica, seria oportuno lembrar o fato de que os escritos sobre Luandino Vieira são numerosos e imensamente ricos. A produção destes estudos tem como responsáveis críticos e teóricos Rita Chaves, Pires Laranjeira, Salvato Trigo, Tânia Macêdo, Elisalva Madruga, Vima Martin e muitos outros. Do mesmo modo, a teoria acerca da resistência e da descolonização tem como estudiosos Boaventura de Sousa Santos, Walter Dignolo, Bárbara Harlow, Ramón Grosfoguel, Santiago Castro-Gómez, Amílcar Cabral e outros que, ao longo da escrita desta Dissertação, vão sendo utilizados, posto que a análise de textos de crítica e teoria ainda não foi encerrada.

1.2 Uma Literatura Compromissada

Neste primeiro momento parece pertinente observar o que outros estudiosos analisam no que diz respeito às narrativas escolhidas neste trabalho, a fim de obter ciência sobre os estudos relativos à resistência e descolonização em Luandino Vieira.

Sendo assim, destaca-se que, apesar da primeira obra estar publicada há mais ou menos cinquenta anos, no caso *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1961), as questões constitutivas da narrativa ainda repercutem e são inclusive, algumas delas, buscadas pelos intelectuais e por uma considerável parte do povo angolano hoje. A publicação da segunda obra, *O Livro dos Guerrilheiros* (2009) é recente, e faz parte de uma trilogia composta, por ora, de dois livros, intitulada *De Rios Velhos e Guerrilheiros*. Um livro chama-se *I- O Livro dos Rios*, e o outro, *II- O Livro dos Guerrilheiros*. Será discutido, entretanto, apenas um dos livros: *O Livro dos Guerrilheiros*. Estas últimas narrativas lançadas por Luandino apontam para a coerência de seu projeto de escrita, que assinala um caminho para uma discussão acerca da colonização. Com isso, o escritor demonstra que este projeto ainda não está fechado, pois debate, em sua escrita, a incoerência da atual tentativa, por parte de uma elite política, de apagar a história de luta de seu povo.

Em A Vida Verdadeira de Domingos Xavier encontra-se uma narrativa construída a partir da vida do tratorista Domingos Xavier, que fora preso pela Pide, órgão de repressão, e torturado até a morte por não delatar seus irmãos angolanos. Seus pares, como ele, lutavam para manter sua cultura, sua história, sua dignidade, e resistiam, ainda, contra o preconceito que os colonizados enfrentavam cotidianamente, como, por exemplo, ter de trabalhar no turno da noite, pois o turno do dia era, de preferência, dos brancos. Eram obrigados, também, a usar somente os bancos da parte de trás do ônibus, pois a parte da frente era reservada aos brancos, e ainda não podiam frequentar a escola, uma vez que a maioria das crianças não podia pagar os uniformes e o material escolar. Assim, Domingos Xavier e seus companheiros de resistência travavam uma luta em prol de uma Angola livre, mesmo que para isso tivessem de sofrer nos seus corpos a cobrança desse combate.

Domingos não estava sozinho nessa guerra; contava com o engajamento de companheiros como Mussunda, Xico Kafundanga, Menino Zito, Vavô Petelo e, claro, também contava com a luta de sua esposa, Maria, que, para recuperar seu marido preso em local desconhecido, onde estava sendo torturado, percorre por Luanda a fim de libertar seu homem. Domingos, porém, é morto após uma violenta tortura, e morre sem delatar nenhum dos companheiros de causa. Diante dessa atitude nobre e bem-consciente, por sua inscrição na luta por liberdade, Domingos fora homenageado por Mussunda e outros combatentes por causa da sua retidão e comprometimento com o projeto de uma nação para os angolanos.

Diante da apresentação desta narrativa, tão relevante para a literatura angolana, é uma obviedade, então, que seja objeto de uma vasta e rica fortuna crítica, a qual disserta sobre aspectos de cunho político, social, religioso, partidário, engajados e assim por diante. Seria mais apropriado salientar, entretanto, apenas uma pequena mostra dos estudos empreendidos nesta narrativa, de autoria de Luandino, mesmo tendo ciência da grande fortuna crítica que existe sobre a referida história.

Por isso, será pertinente fazer um breve aparte e discutir um pouco acerca da longevidade desta narrativa de Luandino Vieira, posto que *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* tem cerca de cinquenta anos de edição. Essa obra de arte não caducou nem está esquecida no baú da memória literária e histórica da Literatura Africana; ao contrário, os textos que discutem essa obra

aqui apresentados, são, na maioria, bem-recentes. Isto mostra que os fatos sociais, históricos e políticos abordados no romance estão ainda, de algum modo, em curso, ou melhor, persistem muitos problemas esquadrihados por Luandino que não estão superados do modo como os personagens do romance desejavam; isto explica a longevidade da obra deste escritor.

Muitos defendem que o grande motivo dessa longevidade seja o modo de tessitura literária usada por Luandino Vieira. De fato, esse angolano— lembremos aqui que Luandino nasceu em Portugal mas, em seus primeiros anos de vida, ele, juntamente com seus pais, foi morar em Angola — é um escritor perspicaz, um intelectual, que emprega a sua escrita para evidenciar as carências de Angola por meio da estética da oposição, e usa suas personagens como representantes de tudo isto:

Podemos compreender que há autores que se convertem em personagens de grandes textos que, mesmo não escritos, ajudam-nos a compreender a história de outras terras e outras gentes. José Luandino Vieira é um desses casos em que as trilhas da ficção se misturam aos caminhos da realidade e acabam por determinar mudanças efetivas nos dois terrenos, o do concreto e do imaginário (CHAVES, 2006, p.22).

Certamente que a escrita de Luandino tem responsabilidade pela perenidade da narrativa em questão, mas permanece também a necessidade de uma Angola mais livre dos sérios problemas que vem enfrentando desde os anos de colonização. Hoje Angola está descolonizada, mas, ainda não organizada conforme o povo angolano almeja; seguramente este também é um motivo para esta narrativa ainda ser tão discutida.

Fazendo referência a um dos textos acerca da *Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, pode-se vislumbrar modos de resistência empregados pelo autor nesta narrativa; modos distintos ante as dificuldades de um povo, representado pelas personagens, feito de maneira direta e contundente, mesmo que por momentos decida que deva caminhar por outras direções, e uma destas é a escrita, porém com planejamento bem-definido:

A resistência que não pode expressar-se politicamente nos moldes partidários ou sindicais, diante da ferocidade da repressão policial, faz-se no cotidiano: na duplicidade de nomes/identidades e de comportamentos, nas farras, na recusa de comer (comida de branco) (ZAMPARINI, 1993, p.169).

Outra análise da referida obra aborda também a obstinação popular, ou seja, a resistência operada pelo povo por meio de um herói saído deste mesmo grupo social, com o mesmo cotidiano e história, carências e lutas. É por isso que as ações de enfrentamento contra as imposições do colonizador são engendradas por esse povo:

A resistência, o combate, a denúncia era necessário que, antes de tudo, se expressam através de um herói, um homem do povo que pudesse representar um arquétipo da tentativa de consolidação de angolanidade que germinava na colônia (PEICY,2010, p.4).

Finalizando as breves apresentações de trabalhos de análise do livro *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, informa-se que há vários jornais e revistas de Angola que publicam artigos e ensaios que ressaltam algumas características da escrita de Luandino, como o cunho político no que se refere à estratégia de ação política que se inscreve na História. O autor, portanto, era tido como um intelectual que se valia dos moldes europeus para a construção de sua escrita comprometida, angolana e perspicaz. Estes moldes serviram de base para a produção e ações políticas do escritor, e neste ponto está a peculiaridade: utilizar metodologias do colonizador a favor de seus objetivos, como, por exemplo, a questão da violência e da censura largamente empregada pelo europeu a fim de oprimir o colonizado, por intermédio de ações truculentas usadas pela polícia portuguesa por meio da repressão, forçando, desse modo, o preso a delatar seus companheiros de atividade política. Deste modo, a escrita da narrativa apresenta a violência e a opressão como uma forma de denunciar os desmandos sofridos pelos aprisionados.

Encerrando a discussão do parágrafo anterior, cita-se outro exemplo de utilização de estratégia empregada pelo colonizador: a imposição dos valores culturais e educacionais do europeu, visando a cercear a cultura do oprimido, mas esse, explorado, em contrapartida, anseia e luta por aquilo que acredita piamente: a sua liberdade. Por isso é que a violência, a opressão, a censura, a repressão e a desvalorização da cultura aparecem na escrita de Luandino, como dito antes, de modo estratégico, posto que, durante o percurso da narrativa, os personagens mostram abertamente que a violência, a censura, a imposição da cultura europeia eram contundentemente rechaçadas pelo povo angolano. Isto, então, explica um comportamento contumaz que o colonizado

tinha – o de não delatar seus companheiros –, uma vez que não se intimidava com a truculência e não aceitava, do mesmo modo, a cultura estrangeira que lhe queriam impor:

Depois do período das guerras, intelectuais “modernistas” (como José Luandino Vieira) tiveram a responsabilidade de forjar uma identidade comum entre esses povos, o que seria premissa para a formação de uma nação, tomando por base os territórios delimitados, quando da partilha de África. Os responsáveis por forjarem essa nação que tomaram de princípio os territórios artificiais impostos pelos europeus, são chamados de “Modernistas”, em virtude de justamente terem de agir dentro das condições impostas e definidas no exterior, através de valores e concepções da própria metrópole (O PAÍS, 2013).

O texto supracitado é finalizado com uma afirmação que denota a relevância da escrita de Luandino e, evidentemente, a importância do romance em questão em virtude das problematizações e ações gestadas a partir do trabalho do escritor com o intuito de uma Angola edificada para o povo angolano. Com “*A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*”, José Luandino Vieira emociona-nos. Em poucas páginas resume o sentimento de um povo que luta por algo que é a verdadeira riqueza da humanidade: a liberdade (O PAÍS, 2013). Sendo assim, a fim de concluir as diversas discussões acerca das narrativas de Luandino Vieira que serão analisadas ao longo desta dissertação, apresenta-se a produção mais recente do escritor, a qual faz parte de uma trilogia que ainda permanece em dois livros, *O Livro dos Guerrilheiros*. Esta história é construída por cinco narrativas mediadas por um narrador – Diamantino Kinhoca – o guerrilheiro conhecido como Kene Vua. Este narrador começa seu relato dizendo que irá cantar o herói dos cinco combates. Alerta ainda o leitor para o fato de que não irá reinventar a verdade, pois possui documentos e papéis afirmando que fizeram a revolução, e por isso suas memórias têm o sangue do tempo.

Deste modo, o narrador inicia a narrativa pelo relato de sua experiência na guerrilha quando ainda era criança, e relata, em seguida, os cinco combates que vivenciou e em que atuou. O segundo relato é sobre o herói dos cinco combates, Kakinda Bastião, já o terceiro relato dá conta de Makongo Paka, que fora para a escola quando ainda menino. Inicia essa narrativa sobre Makongo Paka com a frase “era uma vez”, e explica esta escolha declarando que, neste tempo relatado, não havia minas nas picadas e, por isso, podiam andar descalços sem medo.

Esclarece que Makongo Paka sempre falava nós, mas um dia confessou a Kene Vua que as pessoas deviam cheirar bem como uma flor. Aproveita, então, para contar sua infância, que ia à escola e que um dia, voltando do educandário, encontrou seus pais esquartejados, e por causa disso foi embora de sua cidade, indo para o destacamento do Kikote, onde cresceu como o guerrilheiro Makongo Paka, pioneiro revolucionário em sua base de combate.

O quarto relato é sobre a vida e morte do camarada guerrilheiro Kibiaka, o herói da região. Este guerrilheiro era considerado o parabelo do destacamento, pois enfrentava qualquer missão com coragem e sem reclamar. Para Kibiaka, bater o funji ou aguentar uma emboscada tinha o mesmo valor, e nunca fugia dos combates. Segue expondo os combates com uma informação importante sobre Kibiaka: que ele conhecia perfeitamente a geografia da selva e também a linguagem da natureza. Segundo Kene Vua, ele se fazia árvore e cantava o canto dos pássaros como se assim fosse. Por esse comportamento polivalente os camaradas nunca sabiam se era um pássaro cantando ou se era Kibiaka. O guerrilheiro era dono de outra característica importante – a estratégia –, e isso o auxiliava a enfrentar os tucas sem sucumbir. O narrador relata que soube por outros que o camarada morreria em 1972.

A última narrativa é sobre o Kizzua Kiezabu, o general Kimbalanganza, em que relata os fatos ocorridos em abril de 1961 quando houve um massacre em que muitos morreram e, com isso, vieram os tempos de milícias. Por fim, ao término das narrativas, Kene Vua declara que “assim, homens, foram guerrilheiros: e assim que ficaram – ossos dispersos”. Pelo exposto ressalta-se que esta narrativa – O Livro dos Guerrilheiros –, assim como as outras escritas por Luandino, aventou inúmeros debates como os expostos a seguir:

O narrador que inicia, em um capítulo intitulado “Eu, os guerrilheiros” – retomada parafrásica dos títulos “Eu, o Kene Vua” e “Eu, o Kapapa”, do livro primeiro. Se antes, a procura por uma identidade batismal era o mote do personagem e, conseqüentemente, do romance, agora serão as histórias dos guerrilheiros, encadeadas como se fossem parte de um álbum de retratos(ou uma edição cinematográfica), as responsáveis pela condução da narrativa rumo à composição subjetiva do personagem. O encaixe do livro como seqüência do anterior, inclusive, fazendo valer a subtitulação “De rios velhos e guerrilheiros II”, se dá no sentido de que a busca identitária de Diamantino prossegue seu curso neste segundo livro, embora ganhe outros contornos. São as experiências alheias que agora lhe dizem respeito e muito dizem a seu respeito. Afinal, como canta o

poeta, “toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas.” Saído do referencial paterno, o personagem vai ao grupo social de referência encontrar-se com outros espelhos figurativos: as lições diárias dos companheiros de luta (MATTOS,2010, p. 177).

O crítico citado acima esclarece o objetivo do narrador ao contar os combates dos quais foi testemunha e, também, muitas vezes participante. Mattos aponta o curso desta narração, a busca de uma identidade pela experiência alheia, a das personagens imbricadas com as do narrador. Seguindo o debate desta narrativa, apresenta-se, então, algumas amostras de textos vários que problematizam a importância da escrita de Luandino, não somente para a Literatura, mas essencialmente para Angola colonizada pelo europeu e, também, para a Angola do presente:

Muito mais haveria a dizer sobre este curto, conciso, enxuto romance, que se desdobra e desdobra em significados, sobre o passado e sobre o presente da nação angolana. O pequeno diálogo entre Kene Vua e o general Kimbalanganza, acima reproduzido, já é uma expressiva indicação de como estão errados os que muitas vezes perguntam a Luandino porque ele não trata, em sua ficção, da atual conjuntura angolana, parecendo preferir refugiar-se no passado. Acontece que ele trata da atual conjuntura angolana, e não é apenas na passagem acima indicada. Mas é preciso ter olhos para ler e ouvidos para ouvir ou, como ele mesmo diz, é preciso ler devagar e muitas vezes, é preciso participar ativamente da obra, fazendo um grande esforço de interpretação (VEIGA,2009, p. 284).

Com todas as breves informações expostas acima, acerca da escrita de Luandino, depreende-se que esta escrita parece estar congelada no tempo, posto que os temas abordados nas narrativas dele sempre fazem uma retomada destes acontecimentos alusivos à colonização de Angola. Por isto, muitos críticos questionam o escritor sobre a insistência em escrever sobre fatos do “passado”, dos quais ele trata ao abordar o debate sobre os problemas sociais e políticos que seu povo enfrenta, ainda hoje, em razão da colonização. O projeto do autor parece ser o de problematizar a intenção incoerente, por parte de alguns seguimentos políticos, de apagar uma história que ainda não está resolvida na vida dos angolanos.

Seguindo a lógica de rechaço aos portugueses por parte do colonizado africano, estes rejeitavam o europeu, principalmente quando ele infligiu aos angolanos os seus projetos políticos e culturais, e o povo se articulava em ações de resistência com caracteres diversos, a fim de usufruir o direito de liberdade dentro de sua própria nação. Este fato explica que as questões

debatidas anteriormente estão muito presentes ainda, como descritas na última narrativa do romance *O Livro dos Guerrilheiros*, e abordadas aqui nesta Dissertação. Assim, o escritor, por meio da memória da guerrilha, levanta questões patentes sobre a Angola de ontem/hoje:

O facto de o ciclo colonial português ter sido de todos os colonialismos europeus, o mais longo, tendo precedido em três séculos o colonialismo capitalista central do século XIX. Este último, uma vez consolidado, definiu as regras da prática colonial – dramaticamente afirmadas na Conferência de Berlim (1884) e no Ultimatum – e do discurso colonial – a ciência racista, o progresso e “o fardo do homem branco”, etc. – e o colonialismo português adoptou-as segundo modos e graus em que boa medida estão por investigar (SANTOS, 2006, p.232).

Segundo as regras supradescritas, o escritor constrói o seu estilo, uma escrita bem peculiar. Por essa característica e pela importância do escritor, é que existe um grande volume de textos críticos que inventariam estas narrativas aqui examinadas. Esse grande volume de textos é também por causa da importância deste escritor, da qualidade literária destas obras, do impacto político e histórico, da movimentação social suscitada, enfim, por uma gama de fatores textuais e extratextuais.

Deste modo, seria importante entender que o autor aponta com clareza, em suas narrativas, o seu ideal – a resistência como meio de descolonização – e faz isso quando apresenta todas essas personagens expostas, as quais compõem estas histórias, objeto de estudo desta Dissertação.

As personagens dão um tom de verdade neste texto anticolonial, levando, por vezes, o leitor a confundir-se com a semelhança de acontecimentos históricos dos quais ele mesmo pode vir a ser testemunha tranquilamente. Este tom de veracidade é norteado por essas personagens participantes destas engenhosas narrativas. “Neste sentido, a proposta do escritor angolano aposta na transformação da realidade vivida pelas personagens a partir de sua conscientização política e revolucionária” (MARTIN, 2006, p.227).

O colonizador insiste, entretanto, em apostar em uma dominação calcada pela alienação do povo colonizado, subestimando o poder de resistência desse povo, o qual se articula sob todos os aspectos cabíveis com o objetivo de alcançar o sucesso de seu projeto de nação. Para tanto, as personagens movimentam-se de maneira encadeada; cada um tem uma

responsabilidade definida e todos, ao final, unem-se como elos em uma rede de ações de obstinação e luta. Mesmo quando há baixas, a articulação destes irmãos é racionalizada e focada no sucesso do projeto primordial: a Angola para os angolanos de verdade.

É pertinente, com isso, destacar que todas as características mencionadas no parágrafo anterior estão evidentes nas narrativas em questão, isso porque essas personagens representam “Sempre, isso sim, o iluminismo, a ilustração, o esclarecimento. As pessoas de carne e osso transmudam-se em formas narrativas simbólicas” (LARANJEIRA, 1979, p.89). Assim, praticamente todos os personagens de Luandino têm plena ciência deste fato e não sucumbem mesmo diante da violência e até mesmo da morte.

1.3 Resistência e Descolonização: aspectos gerais

Pensando sobre as ações de resistência materializada nos atos dos personagens que compõem a escrita de Luandino, pode-se, a partir de agora, analisar o processo de descolonização fundamentalmente mediante a literatura, mesmo estando ciente de que ocorreu, inevitavelmente, a luta armada.

Entende-se que a escrita, neste caso, precede a resistência armada, ou seja, o combate homem a homem pela guerrilha. Posto que a ideia de nação, na fatura textual, precede a independência política. “[...] hai unha relación entre a resistencia armada e a literatura de resistencia” (HARLOW, 1993, p.37). A teórica amplia ainda esta questão:

O movimento de resistencia e de loita armada pola liberación nacional habían económica e política do pobo escravizado polo capitalismo. Mais tamén agardaban producir, nese proceso, unha transformación revolucionaria das estruturas sociais existentes (HARLOW, 1993, p.38).

Primeiramente seria conveniente fazer um breve esclarecimento acerca do conceito de colonização. Este tipo de ação é a expansão que alguns países europeus efetuam em outros continentes, com o objetivo de impor uma dominação. Para concretizar este ato, usam meios coercitivos, reprimindo, assim, possíveis ações de reação por parte do colonizado, e fazem não apenas pela violência física, mas também pela violência cultural e econômica, além de dominar os recursos naturais da futura colônia.

Sendo assim, ciente do conceito de colonização, seria lógico discorrer brevemente sobre colonialismo português pelo fato de que há um anseio de descolonização permeando a escrita de Luandino, posto que Angola era colônia portuguesa. Uma característica do colonialismo português que mais se tornou evidente, então, foi sua duração, sendo o mais longo de todos os colonialismos europeus, por isso tornou-se anacrônico, segundo Boaventura de Sousa Santos (2006). Tendo em vista que a maioria das nações colonizadoras haviam, de certa forma, terminado com o colonialismo que praticavam em países considerados periféricos:

A densa e longa temporalidade do colonialismo português redundou numa estranha suspensão do tempo, numa anacronia que, aliás, havia de revelar-se dupla: por ter existido antes e por ter continuado a existir depois do colonialismo hegemônico. Retroatividade, suspensão e anacronismo acabaram por se transformar na temporalidade própria de uma longa duração sujeita a critérios de temporalidade estranhos (SANTOS,2006, p.233).

Esse anacronismo político declarado por Boaventura de Sousa Santos foi um dos instrumentos de desgaste social nos países colonizados por Portugal, com a insistência em continuar com o colonialismo, mesmo quando outras nações, como Inglaterra, Espanha e França, já haviam deixado as colônias. O resultado desta insistência em permanecer nas colônias, este tempo colonial alargado, contribuiu para alimentar a revolta e amadurecer os projetos de libertação por parte dos movimentos de resistência, gerando no colonizado a decisão do embate intelectual e efetivo.

Para tanto, após breves esclarecimentos acerca da colonização, lembre-se que as noções de resistência e descolonização serão discutidas com o intuito de apontar o caminho pelo qual este trabalho percorrerá ao longo dos outros dois Capítulos. Tais Capítulos abordarão mais detidamente estas questões nas obras a serem examinadas.

A escolha destas obras se deu pelo fato da distância de escrita entre ambas: a primeira, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, foi escrita em tempos de articulação de luta, inclusive com o escritor preso, porém articulando um futuro de liberdade para Angola. A segunda narrativa, entretanto, foi escrita quase cinquenta anos após o lançamento da primeira, e com uma realidade nacional diferente: o escritor em liberdade, em muitos sentidos, e com o país descolonizado, livre de Portugal.

É importante esclarecer que esta distância temporal foi o que suscitou o desejo de analisar ambas as narrativas. Entende-se aqui que é necessário verificar como Luandino engendra seu projeto de escrita, uma vez que se enxerga na sua literatura uma preocupação voltada não somente para aquele momento histórico pelo qual passava seu povo, mas também uma preocupação de futuro para sua nação. Observando seu relato memorialístico dos combates descrito em *O Livro dos Rios*, percebe-se que todas as ações de resistência relatadas no livro têm os resultados refletidos na atual Angola ex-colônia de Portugal.

Seguindo a discussão, é apropriado explicar alguns pontos sobre as ações de luta em Angola, tendo em vista que os movimentos de resistência pululavam por toda a África colonial, e isso ocasionou muitas guerras com o objetivo de libertação, fazendo com que países europeus contra-atacassem e, na maioria dos casos, o europeu obtinha a vitória, pois possuía um maior número de armamentos e aparatos políticos e humanos. Em parte da África do Sul, entretanto, os Zulus quebraram esta regra, e saíram vitoriosos por usarem um grande número de combatentes:

A resistência à colonização europeia foi grande na África. As potências europeias tiveram que travar muitas batalhas sangrentas contra os exércitos das nações africanas para conseguir dominar o continente (IBAZEBO,2001, p.41).

A resistência aqui tratada, todavia, será objeto desta pesquisa, porém priorizando a resistência pela literatura, posto que possui um caráter denunciador da violência, da imposição da cultura europeia sobre a cultura do colonizado, enfim, resistência a todos os modos de opressão. O termo resistência foi cunhado por Ghassan Kanafani, na Palestina, em 1966 em seu estudo *“Literatura de Resistência na Palestina ocupada: 1948-1966”* (HARLOW,1993, p.28).

Com isto em mente, sabe-se que o colonizador, ao invadir os territórios alheios, não avança, com plena clareza, a possibilidade de que poderá se deparar com a coragem, com a oposição. Tem, obviamente, um propósito principal – a descolonização –, ato que ainda conta com uma consciência bem-assentada, por parte do colonizado, em obter a libertação de sua nação que deseja reconstruir. A origem desta ação de libertação se processa pela literatura:

A literatura de resistencia chama a atención sobre sí mesma, e sobre a literatura em xeral, como unha actividade política e politizada. A literatura de resistencia vese ademais envolta nunha loita contra as formas dominantes da produción cultural e ideolóxica (HARLOW,1993,p.58).

Estes suxeitos, no entanto, mostram-se construtores de sua história, da história de sua nação, mesmo que tenham de se sujeitar à prática da descaracterização de sua cultura, da tortura, sob o cruel pretexto, trazido pelo colonizador, de sufocar insubordinações por parte dos negros e sufocar também futuras rebeliões. Esses atos de dominação, mesmo sendo de muita violência, eram dissipados diante de tanta consciência social e política por parte do povo, uma vez que o colonizado fazia uso de um contundente instrumento – a resistência –, demonstrando, de modo claro, a contraposição a um poder sem legitimidade: “As organizacións de resistencia e os movementos de liberación nacional representan unha loita colectiva e concentrada contra a dominación hexemônica e opresión” (HARLOW, 1993, p. 59).

É importante esclarecer que,apesar de os países africanos, subordinados a Portugal, enfrentarem o analfabetismo, os envolvidos com este processo de combate utilizavam outros meios de conscientização e divulgação de seu intento. Nos segundo e terceiro Capítulos este ponto será mais explicado, mas de antemão antecipa-se alguns destes instrumentos.

O colonizador, entretanto, insiste em apostar em uma dominação calcada pela alienação do povo colonizado. Subestima, desse modo, o poder de reivindicação de direitos que esse povo possui, o qual se articula fortemente em vários âmbitos, seja intelectual ou armado, mas com o objetivo de alcançar o sucesso de seu projeto de nação para os seus pares.

Para tanto, a literatura exhibe personagens movimentando-se de maneira encadeada.Cada um tem uma responsabilidade definida e todos, ao final, unem-se em uma organização de ações de obstinação e luta. Mesmo quando há baixas, a articulação destes é racionalizada almejando uma nação livre. Todos têm plena ciência deste fato e não sucumbem mesmo diante da violência e até mesmo da morte. Essas personagens representam “os movementos de resistencia contemporânea e as organizacións de liberación nacional assuman o seu papel no térreo histórico da descolonización” (HARLOW,1993,p.59).

Por fim, a literatura de resistência se transforma em teoria pelo seu aspecto político em razão da sua função de engajamento, denúncia e articulação para uma movimentação de descolonização das nações tomadas pelo imperialismo europeu, e a tentativa de sufocamento cultural, como no caso de Angola: “a ênfase na literatura de resistencia está centrada sobre o aspecto político como a força que faça cambiar o mundo. A teoria da literatura de resistencia está na súa política” (HARLOW, 1993, p.59).

Assim como o mote da literatura de resistência é a liberdade, o pensamento de descolonização também fomenta este mesmo fim, com o objetivo de desnaturalizar o poder europeu sobre o colonizado e todos os mecanismos utilizados pelo opressor para descaracterizar a colônia, juntamente com o povo que nela vive. Evidentemente que as ações de descolonização serão examinadas na trama do texto, observando por qual senda o aspecto concernente ao pensamento colonial caminha nas narrativas que compõem este estudo:

Del pensamiento descolonial que intentamos adelantar aqui. Um pensamiento que desnaturaliza la matriz colonial del poder que abarca e incluye la regionalidad de la metafísica occidental, de la cual se ocupó ya el pensamiento deconstructivo (MIGNOLO; WALSH; LINERA, 2006, p.9).

O pensamento descolonial nasce concomitante aos movimentos de resistência. Estes, entretanto, estão ligados um ao outro, fomentando no colonizado ações de combate, sejam elas intelectuais ou armadas. É a busca de um outro mundo, dentro de um mundo dilacerado por uma realidade de cunho estrangeiro, que estabelece uma ordem fora da realidade do lugar onde se estabelece, neste caso, a colônia. Em contrapartida, os movimentos populares dentro das colônias engendram o enfrentamento pelas bordas, na clandestinidade, na periferia das estruturas estabelecidas pelo opressor:

El pensamiento descolonial se constituye pensándose en variadas formas semióticas, paralelas y complementarias a movimientos sociales que se mueven en los bordes y en los márgenes de las estructuras políticas (estado, partidos) y económicas (explotación, acumulación, opresión). El desprendimiento que promueve el pensamiento descolonial conlleva la confianza en que otros mundos son posibles (no uno nuevo y único que creemos que puede ser el mejor, sino otros, diversos) y que están en proceso de construcción planetariamente (MIGNOLO; WALSH; LINERA, 2006, p.10).

Um das estruturas dos movimentos sociais organizados pelos colonizados que se articulam, é a da periferia ao centro, na luta para construir um mundo diferente, o seu próprio mundo. Uma estrutura que pretende afirmar a sua cultura, rechaçando, deste modo, a cultura colonial, tendo em vista que todas as questões concernentes à cultura do colonizado são tratadas pelo colonizador com maior atenção. Para o europeu este ponto tem um valor determinante, que pode significar uma efetiva dominação da colônia, pois, desestabilizando um povo culturalmente, abre-se um caminho largo para o estabelecimento concreto e homogêneo da colonização de um povo.

Este aspecto da colonização, no entanto, torna-se o mais complexo de se assentar, tendo em vista a resistência dura por parte do povo. Desestabilizar a cultura é um fato de extrema dificuldade, mesmo que o europeu tenha êxito político. O povo resiste veementemente contra a cultura adversa de seu lugar:

Devemos trabalhar muito para liquidar na nossa cabeça a cultura colonial, camaradas. E queiramos ou não, na cidade ou no mato, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. E o nosso trabalho deve ser tirar aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom (CABRAL,1975, p.72).

A cultura é um aspecto que compõe as bases de uma estrutura social colonialista, além de política e outras. Logo, o europeu tem plena ciência de que a dominação passa por esse aspecto social, principalmente. A cultura tradicional de um povo, seus hábitos cotidianos, rituais sazonais, seus ritos e conceitos morais são componentes fixos de sua cultura; então o dominador, consciente deste fato, esquematiza estratégias a partir destas condutas sociais e planeja o confronto a fim de obter resultados mais efetivos em sua ação:

A dominação essencial de uma determinada classe na sociedade mantém-se não somente, ainda que certamente se necessário, através do poder, e não apenas, ainda que sempre, através da propriedade. Ela mantém. Inevitavelmente, pela cultura do vivido (WILLIAMS,1997, p.132).

Certo deste caso, o colonizado dá uma atenção mais intensa para as manifestações culturais de seu povo que, animado pelo sentimento de embate, reativa tradições, costumes e assim por diante, como instrumento de resistência à imposição também cultural do colonizador, e os movimentos sociais de luta pela descolonização usam a cultura como aparelho de ação:

Os investigadores concordam em geral, neste contexto, que a cultura se reveste de uma importância especial. Pode-se portanto admitir que qualquer tentativa visando o esclarecimento do verdadeiro papel da cultura no desenvolvimento do movimento de libertação (pré-independência) pode ser um contributo útil para a luta geral dos povos contra o domínio imperialista (CABRAL, 1999, p.126).

Ademais, o povo colonizado entendeu claramente a força política de sua cultura, em virtude da atitude do colonizador atacar com tanta veemência esse aspecto do povo colonizado. Para tanto, como atitude de contra-ataque, o dominado valoriza a sua cultura mobilizando-se, juntamente com os seus pares, para resistir à imposição não somente cultural do europeu, mas à imposição política também:

O facto de os movimentos de independência serem em geral marcados, logo na sua fase inicial, por um surto de manifestações de carácter cultural, fez admitir que estes movimentos são precedidos por um “renascimento cultural” do povo dominado. Vai-se mesmo mais longe, admitindo que a cultura é um método de mobilização de grupo e até uma arma na luta pela independência (CABRAL, 1999, p. 127).

À medida que o povo valoriza a preservação de sua cultura ele faz uso de várias manifestações concernentes a esta cultura, usando-a, então, como meio para sedimentar a luta pela libertação, pela descolonização de seu país. Uma manifestação largamente usada como instrumento para esse fim, portanto, é a literatura, como aparelho de resistência; uma literatura que dê voz ao subalterno, ao dominado; uma literatura cujo carácter é de um campo de combate: “A literatura, noutras palavras, é apresentada pelo crítico como um campo de batalha” (HARLOW, 1993, p. 28).

Seguindo, então, esta linha de estratégia de defesa contra a opressão, pode-se inferir que se a literatura pode ser um campo de ação o comandante deste campo pode ser o escritor, desde que ele esteja dentro dessa luta, inserido no combate. Então ele torna-se, nessa situação, uma espécie de investigador das estratégias colonialistas, a fim de apontar aos seus parceiros as manobras a serem engendradas nos movimentos de descolonização:

Ningunha investigación deste tipo pode ser a non ser que o investigador estea situado dentro do mesmo movimento de resistencia dentro da terra ocupada, levando o seu testemunho desde o lugar en nace, vive e é propagado (HARLOW, 1993, p.29).

Deste modo, Luandino faz parte do grupo de escritores com o carácter descrito anteriormente; um intelectual que apresenta uma escrita estratégica, com teor de denúncia, dando, ainda, voz aos colonizados, e, ao mesmo tempo,

valorizando a cultura de sua gente e de seu lugar, objetivando, assim, o processo de efetivação da descolonização. Processo de luta contra a colonização pela escrita, no entanto, é também um processo político, além de ser literário, obviamente porque visa a atender as demandas sociais, políticas e culturais do colonizado. O escritor, portanto, contribui sobremaneira para instituir as ações até mesmo de guerrilha por meio de sua escrita:

O empenho da denúncia declarada da opressão colonialista, em textos inequivocamente marcados pela pré-angolanidade, com discursos próximos da linguagem popular de Luanda, a de personagens homólogos de figuras típicas da sociedade dos musseques, tudo isso contribui para tornar Luandino o mais representativo, singular e influente (LARANJEIRA,1979, p.86).

A escrita, a literatura, neste caso, é um meio político, posto que possibilita projetar os movimentos de resistência com o objetivo de efetivar a descolonização do país. Os romances, poemas, contos, podem se transmutar em textos de denúncia contra a violência que sofrem, ações coletivas por parte de grupos engajados na causa contra o colonizador. Grupos estes constituídos também por intelectuais, como Luandino Vieira, que entendiam muito claramente o rumo que seu povo e país deveria seguir; rumo inverso ao que o colonizador traçava e impunha ao povo: “A obra de Luandino vai muito além: focaliza as armadilhas do poder e as estratégias utilizadas pelo oprimido para garantir a sua sobrevivência numa ordem que só lhe assegurava a morte” (CHAVES,2005, p.28).

Com isto em mente, algumas narrativas de Luandino, especialmente as que farão parte deste trabalho, apresentam-se como verdadeiros manifestos, ou, ainda, relatos das ações anticoloniais. Os relatos não são meros romances ou contos; nenhuma literatura é isso; mas estes, particularmente pelo contexto histórico, são construções de caminhos a seguir para concretizar o projeto político contra a colonização. Cada andança dos personagens, e, ainda, o curso de suas experiências, é planejado com o fim de apresentar um mapa que norteará ideologicamente o rumo que o movimento resistente deve adotar: “Disse Luandino, numa entrevista de 1974, que: – nós não podemos narrar a mais pequena história de Luanda que não seja forçosamente política”(LARANJEIRA,1979,p.94).

As personagens explicitam, em suas jornadas particulares e de vidas bem corriqueiras, aparentemente, o engajamento, a ciência de resistir em serem colonizados e demudados política e culturalmente. Resistem amplamente naquilo que poderá os transformar em objetos de exploração e peças de prática de violência e desumanização:

Antes de personagens de estória e proveito são personalidades, homens públicos do musseque, conhecidos uns do mundo colonialista, outros não...As pessoas de carne e osso transmudam-se em formas narrativas simbólicas (LARANJEIRA, 1979, p.89).

O escritor em questão, portanto, opta por estratégias narrativas que evidenciem, dentro das histórias que tece, o movimento de ação rumo à descolonização, gestado por ativistas conscientes dos problemas sociais que as injustiças realizadas pelo colonizador instalam na vida do colonizado, e, por conseguinte, em seu país. O colonizador insiste, entretanto, em apostar em uma dominação calcada pela alienação do povo colonizado, subestimando o poder de resistência e solidariedade desse povo que fomenta o ideal de liberdade dentro do projeto de nação que o oprimido tenciona. Para tanto, os personagens ativistas movimentam-se de maneira encadeada; cada um tem uma responsabilidade definida e todos, cientes disso, unem-se em redes de ações de obstinação e luta.

Mesmo quando há baixas, em razão da violência, a articulação destes irmãos é racionalizada e focada na questão primordial: a Angola para os angolanos. Todos têm plena ciência deste fato e não sucumbem mesmo diante da violência e até mesmo da morte. Esses personagens representam a esperança no futuro de um país construído pelo seu povo, seguindo sua própria cultura, edificando sua história, e que ela seja contada por suas vozes e não por vozes alheias.

CAPÍTULO 2

A VIDA VERDADEIRA DE DOMINGOS XAVIER

2.1 Resistência

Neste segundo Capítulo é trabalhado o romance *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*,² que aborda questões concernentes acerca da Literatura de Resistência e sobre a importância da escola para os movimentos de luta contra a colonização por parte do colonizado e futuro ativista, e, por fim, o comportamento ético da guerrilha. Apresentado, então, o intuito deste Capítulo, a discussão inicia com a exposição do conceito de Literatura de Resistência.

O romance *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, versa sobre o tratorista Domingos Xavier e sua trajetória de angolano colonizado, preso e torturado até a morte por não delatar seus irmãos angolanos que, como ele, lutavam por manter sua cultura, sua história, sua dignidade e resistiam, ainda, contra o preconceito que os colonizados enfrentavam cotidianamente, como, por exemplo, ter de trabalhar no turno da noite, pois o turno do dia era de preferência dos brancos. Assim, Domingos Xavier, juntamente com seus companheiros de resistência, travavam uma luta em prol de uma Angola livre, mesmo que para isso tivessem de sofrer nos seus corpos a cobrança desse combate. Domingos não estava só nessa guerra; contava com o engajamento de seus companheiros, como Mussunda, Xico Kafundanga, Menino Zito, Vavô Petelo e, claro, com a luta de sua esposa, Maria, que, para recuperar seu marido preso, percorre Luanda a fim de libertá-lo.

²A edição de onde serão extraídos os trechos do livro será a seguinte: VIEIRA, Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ática, 1975. A partir daqui, portanto, os trechos serão indicados somente por suas páginas.

Tal como Domingos Xavier, seus iguais lutavam para manter sua cultura, sua história, sua dignidade e resistiam, ainda, contra o preconceito que os colonizados enfrentavam cotidianamente, como ter de sentar nos bancos do ônibus que se localizam ao fundo, pois a parte da frente da lotação era reservada aos homens e mulheres brancas. Em razão desta realidade em que viviam, lutavam por uma Angola livre. “Domingos Xavier não é, portanto, um herói individual, mas coletivo: ele tornou-se um símbolo da resistência e um modelo de conduta política” (TRIGO, s/d, p. 157).

Com isto em mente, entende-se a literatura de Luandino Vieira, neste romance, como uma literatura de resistência, pois seu texto possui um caráter de problematização dos acontecimentos políticos e sociais gerados pela colonização portuguesa em Angola. O professor Alfredo Bosi (2002) conceitua resistência como uma ação ética e não estética. O escritor angolano, entretanto, transforma esta questão ética também em estética, sem anular o primeiro conceito – a ética – de modo algum.

Alfredo Bosi, ao trazer este conceito de resistência como sendo ético e não estético, explica que ambos podem ser utilizados dentro de uma narrativa, pois “O pensador que soube distinguir com clareza os momentos de um processo soube, também, encontrar os liames significativos entre uma instância e outra” (BOSI, 2002, p.119).

Ao longo da narrativa o narrador demonstra claramente o quanto a ética é valorizada pelos personagens, e mostra ainda que a ética rege suas ações de resistência. Esse tecer narrativo, cujo caráter é de resistência, seja no âmbito ético, e, logicamente, estético, é possível, posto que “A translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores” (BOSI, 2002, p.120). Este conceito – ética – então será mais bem explicitado adiante em um subcapítulo intitulado: “Ética na Guerrilha”.

Os valores da vida em sociedade sedimentam-se desde o princípio do romance assim como ao longo dele, e a ética aparece permeando as ações de resistência e solidariedade dos personagens. A compreensão destes fatos

pode ser aferida na atitude do Miúdo Zito, ao entrar em casa correndo para avisar seu Vavô Petelo que um homem alto, magro, fora preso pelos Cipaio e levado na carrinha azul (carro da polícia angolana) até o posto de polícia.

Houve, com isso, uma aglomeração de homens, mulheres e crianças em frente ao posto para saberem quem era o preso, e testemunharam que este era jovem, alto e magro e que fora agredido e estava com seus pés e mãos amarrados e com uma corda em volta de seu pescoço. O Vavô Petelo resolveu ir com o Miúdo Zito avisar seu afilhado Xico Kafundanga sobre o ocorrido, mas antes disso o menino já havia avisado a todo o Musseque o acontecido. Este comportamento do menino demonstra o caráter dos personagens do romance que se movimentam para sedimentar o projeto de resistência à colonização.

No musseque a notícia correu com pressa, miúdo Zito transmitindo a mães e filhos, vizinhas comentando de porta em porta. Ninguém lhe conhecia, o pobre era muito alto e magro, ninguém lembrava aquela cara lá em cima. Vavô Petelo recolheu todos os pormenores, sempre cachimbando, e saiu depois com o miúdo Zito na mão (p. 11).

Dando prosseguimento ao caminho de discussão sobre o conceito de resistência, será estabelecido, portanto, nesta Dissertação, o conceito de Literatura de resistência que esteja conforme a teorização apresentada por Bárbara Harlow, teórica Catalã. A referida estudiosa expõe o conceito e explica quando ele foi usado pela primeira vez. Segundo Harlow, o termo “resistência” surgiu em 1966 na Literatura Palestina, em um estudo feito pelo escritor palestino Kanafani, cujo título era *Literatura de resistência na Palestina ocupada, 1948-1966*.

Para Harlow, a literatura tem uma função bem-marcada: “A literatura, noutras palavras é presentada polo crítico como un campo de batalla” (1993, p.28). E Luandino, em *A vida Verdadeira de Domingos Xavier*, trabalha muito bem este conceito, uma vez que a narrativa expõe as ações, de cada personagem, que articulam a luta contra a colonização e em várias frentes; luta essa de resistência política, social, linguística e cultural.

Esta luta não é somente de responsabilidade dos personagens; é também, da mesma maneira, do escritor que se apresenta como um escritor engajado, um intelectual ciente de seu papel ante as demandas de dominação que sofrem os seus iguais em Angola.

Luandino, deste modo, aciona o seu entendimento sobre a função da literatura, ou seja, função de denúncia, de combate, enfim, segundo Benjamin, é o que se coloca a favor da “luta de classes”; ele se inscreve no rol de escritores “operativos” e não um escritor puramente “informativo”, distanciado dos acontecimentos políticos e sociais que ocorrem em sua comunidade. O teórico explica que: “A missão do primeiro (operativo) não é relatar, mas combater, não ser espectador, mas participante ativo” (BENJAMIN, 1987, p.123).

Seguindo essa linha de raciocínio a respeito da inserção do escritor nas carências de sua comunidade, das lutas de classe e, no caso de Luandino, na luta de resistência à colonização, é importante ressaltar que o escritor angolano está imbricado nestas lutas, haja vista que Luandino esteve preso no campo de concentração em Cabo Verde – o Tarrafal – e foi onde escreveu o romance em questão. Luandino fora preso por ter sido um dos articuladores do movimento de resistência à colonização em Angola.

Essa articulação era construída pela literatura por meio de contos, novelas e romances, além das ações políticas e armadas efetivas, realizadas pelo escritor. A literatura funcionava como mais um instrumento de investigação estratégica, de luta, em que seus pares, dentro do movimento, poderiam fazer uso para estruturar possíveis táticas de ação, além de outras que já utilizavam, como, por exemplo, a luta armada e a guerrilha:

Ningunha investigación deste tipo pode ser completa a non ser que o investigador estea situado dentro do mesmo movimento de resistência dentro da terra ocupada, levando o seu testemuño desde o lugar en que nace, vive e é propagado: os beizos da xente (HARLOW, 1993, p.29).

Luandino é um escritor abertamente compromissado com seu povo. Parece lógico, então, a atitude que ele toma ao optar pelo lado que está em choque com o colonizador, lado do colonizado. Com isto, entende-se claramente sua coerência em relação às ideias expostas anteriormente, posto que é a testemunha que narra os atos de opressão do colonizador em relação ao povo colonizado. Ele usa o romance, portanto, como campo aberto de combate, deixando claro que o escritor deve entender a importância da realidade social e histórica de sua gente. Obviamente, ante a isto, pode-se

entender que Luandino é um escritor pró-colonizado, lembrando que ele está inserido em um contexto de dominação e busca meios de desarticular essa condição em que testemunha, almejando a soberania de sua gente: “Este descobriu o significado de sua vida empenhando-se na ação histórica, na luta pelo triunfo da liberdade e procurando, através dela, deixar no universo dos homens uma marca de sua existência. {...} O significado da sua participação no combate é mediatizado e resulta do seu desejo de dar um sentido à sua própria existência (GOLDMANN, 1976, p.66).

Sendo assim, ele assume um caráter de escritor combatente, sem dúvida alguma, e essa característica pode ser comprovada quando Maria, esposa de Domingos, vai à casa de amigos pedir ajuda após o marido ser levado pela carrinha azul. Então no momento que Sô Cardoso, amigo da esposa do preso, comentava que a amiga não tinha ninguém no bairro onde morava para ajudá-la, o narrador se insere no problema e comenta em tom de solidariedade: “Assim falava Sô Cardoso quando Maria apareceu lá em casa” (p.28).

O comentário do narrador supradescrito mostra o objetivo da produção literária do escritor – a insurgência e a resistência perante o branco opressor. Luandino cruza o seu projeto literário com o projeto de seus companheiros que lutam pela liberdade de seu país, estabelecendo uma característica bem peculiar para a literatura angolana, de modo que aponte para o caminho de luta a reafirmação dos direitos que sua gente teve caçados: “A Literatura Angolana marcou-se pelo selo da resistência e, sobretudo a partir dos anos 40, alinhou-se entre as forças decididas a construir a nacionalidade angolana, participando de movimentos empenhados na construção de uma identidade cultural” (CHAVES, 2005, p. 20).

Tendo este propósito em mente, o autor de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, então, tomou para si a tarefa de mediar a luta contra o capital e contra os atos de coisificação que os brancos infligiam aos colonizados. Para o escritor em questão era relativamente fácil, tendo em vista que ele estava comprometido com esta nação– Angola – e, por isso, “Como escritor assume a ousadia incorporando os matizes reclamados por um projeto artístico centrado na invenção e na resistência” (CHAVES,1999, p.44). O

Projeto foi apresentado por meio de textos de denúncia, os quais dão voz ao oprimido, valorizando a cultura destes e os locais onde se concentram – os musseques – favela.

Perante esse projeto de escrita, pode-se entender a finalidade do desfraldamento do vivido como mais um modo de resistência para manter a forma de vida característica dos musseques e das gentes exploradas. A cultura do vivido também é um ponto estratégico nas ações do colonizador, que possui o intuito de desestabilizar o povo que será dominado, atacando-o no privado, nas relações humanas, nos costumes familiares, nos hábitos, nas tradições locais, na cultura popular, e assim por diante, reprimindo, deste modo, esse povo e sua cultura. Por estes fatos,

A dominação essencial de uma determinada classe da sociedade mantém-se também, não somente, ainda que certamente se necessário, através do poder, e não apenas, ainda que sempre, através da propriedade. Ela se mantém também, inevitavelmente, pela cultura do vivido, aquela saturação do hábito, da experiência dos modos de ver(WILLIAMS,1997,p.132).

A valorização da cultura e da identidade faz parte de um projeto que entende a urgência de uma nação angolana negra. Sendo assim, esta ação é defendida em textos, cujo uso da língua do branco-opressor é instrumento catalisador de um levante pró-Angola; levante este oficiado por sujeitos organizados para enfrentar o colonizador, e um destes sujeitos é Luandino, que utiliza a língua do estrangeiro a favor da luta:

Nesta perspectiva, reveste-se de particular relevância o facto de Luandino, ao usar com destreza estratégias discursivas subversivas para descentralizar a norma portuguesa, colocando realce sobre a importância da língua e da escrita na construção da identidade, ter contribuído para a criação e afirmação da “norma” angolana (LIMA, 2009, p.17).

Por isso, utilizar-se dos métodos do inimigo em favor da causa é uma estratégia inerente à situação histórica e social que povos escravizados, em todos os seguimentos, lançam mão, pois desse modo podem armar-se a fim de iniciar uma cruzada contra a degradação a que estão sujeitos. O próprio Luandino, em uma Conferência na Faculdade de Letras do Porto, salienta a importância do uso da língua que usa e o caráter que atribuiu a ela:

Para nós, angolanos, a língua portuguesa é um elemento de subestrutura cultural que nos coube. Nela nós introduzimos, num contexto de opressão cultural, palavras que nos ligavam ao concreto, ao vivido na luta pela liberdade, e que não eram utilizadas no léxico português. O nosso texto, a nossa produção literária assumia assim uma dimensão diferente (MADRUGA,1984, p.165).

Diante desta afirmativa, depreende-se claramente a dimensão citada por ele; a dimensão da resistência, seja pelos angolanos negros, seja pelos angolanos brancos simpáticos à causa de liberdade e à construção de uma nação angolana para angolanos de verdade. Isto está exemplificado no romance em que o engenheiro Silvestre, o branco engajado na luta, demonstra a importância que dá ao uso da língua de seus companheiros negros, o Quimbundo, pois o engenheiro branco fazia questão de valorizar a cultura e a língua do colonizado: “o engenheiro no seu mau Quimbundo com sotaque português” (p.23). O personagem engenheiro faz questão do uso do Quimbundo, assim como o narrador-escritor faz também questão do emprego entrelaçado da língua do branco e de seus irmãos angolanos. O escritor miscigena a língua como miscigenam-se as raças, as etnias:

Luandino Vieira – por razões que se prendem não só com a sua origem, mas também com a história própria e específica das sociedades e das literaturas que representa–, mantém uma relação com as tradições orais e com a oralidade que se caracteriza por uma relação em “segunda mão”. Luandino dá forma escrita a uma das línguas bantas – o quimbundo–, em grande parte apreendida na infância, é certo, mas posteriormente estudada e aprofundada(LIMA,2009,p.50).

Deste modo, ao fazer uso da língua do Português mesclado com o Quimbundo e expressões orais do povo, fica evidente, e o que importa e prevalece no projeto literário de Luandino, a ideologia do colonizado, que respeita sua tradição indo de encontro ao projeto de assimilação que está sendo imposto ao povo africano. Nestadireção, compreende-se o problema do discurso que o opressor elege como o melhor e mais civilizado. Se, entretanto, esta proposta fosse adotada, exclusivamente como o colonizador desejava, a comunicação entre os irmãos de luta não alcançaria o objetivo do escritor de propiciar o intercâmbio de experiências, por isso ele usa a língua como um instrumento importante de resistência:

Evidencia-se a vontade de cultivar o reencontro com as matrizes da tradição, recuperando a possibilidade de intercambiar experiências que os tempos modernos barraram. É de se imaginar que, numa sociedade afrontada pelas leis do colonialismo, esse desconcerto em que se torna a vida moderna organize-se de forma ainda mais pesada, com a comunicabilidade comprometida por impedimentos de muitas ordens (CHAVES, 2005, p. 36).

A valorização da oralidade neste discurso dialógico do colonizado tem como base linguística o Quimbundo para “fazer prova de sua negridade, isto é, da sua total identificação com os valores culturais” (TRIGO, s/d, p. 182). Esses valores são movidos pelo ideal nacionalista e de liberdade para seus irmãos angolanos. Para tanto, o narrador faz uso desta ferramenta de resistência por meio de vocábulos e expressões proferidas cotidianamente pelo povo de Angola. Percebe-se claramente essa intenção ao longo do romance em questão, como, por exemplo: “Um gasolina passou, barulhento, enchendo de fumo do velho diesel o mar quieto” (p.16), ou, ainda, a expressão {...}ouvir gritar a maca com o gerente {...}(p. 24), e também {...} Elá! Não, assim não. Você, então, estava a pensar era só luta de gapses e bassulas que eu fazia?(p.86), ou {...}Ená!makutu, não pode!...(p. 86). Todos estes exemplos apresentados comprovam a intenção da escrita de Luandino, o valor humano e cúmplice aí envolvidos: “Da cumplicidade pressentida decorre a representação humanizada de personagens muito freqüentemente apreendidos segundo uma visão comprometida com a retificação de seus valores e gestos” (CHAVES, 1999, p.169).

A valorização dos gestos, da oralidade, a eleição dialógica dos discursos, instrumentos de rejeição às assimilações impostas pelo colonizador, de certa forma são atitudes paradoxais, pois, mesmo deixando clara a resistência à submissão ante o opressor, a língua predominante é a do branco, a língua portuguesa, obrigatória nas colônias. É obvio que o discurso dialógico aqui apresentado é com base no discurso dialógico proposto por M. Bakhtin, que evidencia a inclusão de todos os discursos sem excluir nenhum, em detrimento de qualquer outro. Assim,

Relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialogicamente. Por outro lado, relações dialógicas são também possíveis entre estilos de língua, dialetos sociais, e assim por diante, desde que eles sejam percebidos como posições semânticas, como cosmovisões de linguagem de um certo tipo... (BAKHTIN, 1981, p. 357).

É necessário, porém, ir muito além deste fato acerca do dialogismo. É preciso entender o objetivo de entrelaçar a língua do colonizador com a língua do povo angolano, posto que, em Angola, e no restante da África, existe uma imensa variedade linguística com dialetos variados. Tendo isto em mente, o escritor traça uma estratégia para concretizar seu projeto de relacionar a literatura com a sociedade e, desse modo, alavancar as ações de resistência. A escola é o instrumento facilitador para o sucesso deste projeto, em que o colonizado, ao aprender a língua do colonizador, poderá articular de maneira mais efetiva suas lutas, com o objetivo de libertar-se da sua condição de colonizado:

O colonizado vai, portanto, à escola aprender a língua do colonizador, não para respeitá-la, mas para violá-la. Ele sabe que, se falar bem o português, será aceito pela sociedade colonial, ao mesmo tempo em que desenvolve o seu conhecimento de estrutura mental e simbólica do colonizador, o que lhe permitirá fazer um trabalho clandestino de destruição, por meio duma *escrita* aparentemente ingênua, mas profundamente envenenada. Ingênua, na simplicidade dos seus processos morfo-sintáticos; envenenada, pela existência de dois universos semióticos paralelos, um europeu e outro africano, em que a semântica textual funciona diferentemente (TRIGO, s/d, p. 150).

Além destes fatos arrolados supra sobre o uso da língua do europeu, existe também o propósito de se fazer entender por um maior número possível de pessoas, colonizados letrados e colonizadores, utilizando, assim, a língua do branco mesclada com a do colonizado com o intuito de reclamar os direitos de seu povo: “A língua literária lusófona é verdadeiramente revolucionária e logotética, devido justamente ao seu nascimento em prisão” (TRIGO, s/d, p. 150).

Essa mescla tem um resultado preponderante na narrativa e, conseqüentemente, na sociedade: “o resultado dessa mistura é a expressão de uma lógica que revela um modo de ser e de ver o mundo característico de sujeitos que se encontram em profunda tensão com as normas da civilização moderna” (MARTIN, 2006, p. 217). Estas normas são a de assimilação total dos sujeitos oprimidos em relação ao branco colonizador; entretanto estes, homens e mulheres, encontram, em contrapartida, meios de resistir a todo tipo de imposição de poder e de uma opressão que os obriguem a ser estrangeiros no seu chão.

2.2 Escola—espaço de resistência

A escola foi uma instituição de grande validade para o regime colonial português, pois nela “procurava-se dominar espiritualmente os colonizados pelo apagamento dos seus valores culturais e civilizacionais, pelo banimento da sua língua, pela niilificação da sua história” (TRIGO, s/d, p. 148). Por meio da escola o colonizador impunha valores estranhos aos da África, inculcando a civilização e a cultura europeia. Esta instituição, todavia, também era útil ao colonizado, pois permitia que ele desenvolvesse uma consciência política e podia lutar pelos seus direitos. “Paradoxalmente, o regime colonial português criava as armas da sua própria destruição” (p. 148). A “repressão mental e física” empreendida pela escola transforma-se em fonte de “inspiração libertadora para os africanos colonizados”.

Na obra de Luandino, os personagens que articulam a resistência ao colonizador estruturam dois caminhos para a formação das crianças: a presença delas na escola do colonizador, sabendo-se que esta criança já desenvolveu uma sagacidade política e o outro caminho, o da escola popular, que não funcionava num edifício, “símbolo da dominação europeia”. Esta segunda, pragmática em seus fundamentos, pois ensinava a ler, a escrever e a contar, funcionava ao ar livre ou então estava associada aos clubes de futebol, como ocorre no texto de Luandino. Esta escola era desautorizada pelo colonizador, pois a aprendizagem do colonizado não era vigiada e ideologicamente controlada. Nela desenvolvia-se, de todos os modos, a resistência ao colonizado: “A Escola é uma instituição ao serviço da ideologia do regime colonial, mas o colonizado recupera-a. Como instituição ideológica, ela é contestada e toda a escrita lusófona se serve dela para atacar o regime” (TRIGO, s/d,p.151).

Com isto, a escola se mostra como um instrumento transformador e o local onde se institui a ética da solidariedade, posto que é aí que se educam para realizarem ações coletivas. Deste modo, a escola popular converte os moldes opressores impostos à sociedade colonizada, contribuindo sobremaneira para a elevação cultural e, ainda, dando voz ativa às massas, servindo também para:

Abrir a cabeça de nossa gente, em relação à Literatura, à ciência, etc. Porque nós sabemos que não são os analfabetos que podem fazer uma terra boa. É preciso gente que lê e escreve. Toda gente que sabe ler e escrever deve ensinar aqueles que não sabem (CABRAL, 1975, p. 84).

Ciente destes fatos, o personagem Xico Kafundanga insiste constantemente para que o menino Zito, neto de seu padrinho Petelo, estude em uma escola. Ele enfatiza que o menino é muito esperto e que precisa estudar. Neste sentido, “Encara-se a escolarização dos mais aptos como primeiro passo no desenvolvimento das elites pontas-de-lança da comunidade” (LARANJEIRA, 1979, p.93), considerando que o menino Zito é uma criança apta, articulada e perspicaz, detentora do conhecimento das ocorrências da vida, do cotidiano de violência que seus irmãos negros sofrem nos musseques em razão da luta contra o colonizador: “Às crianças devemos dar o melhor que temos. Devemos educá-las para se levantarem com o espírito aberto, para entenderem as coisas, para serem boas, para evitarem toda a espécie de maldades” (CABRAL, 1975, p.73).

O menino Zito, sempre atento, mas sem abandonar sua infância, sabe quando alguém é preso por motivos políticos, e foi em uma destas ocasiões que ele testemunha que Domingos fora trazido a sua vila, preso pela carrinha azul, e corre para avisar seu avô que, por sua vez, empenha-se imediatamente em avisar seu afilhado Xico Kafundanga sobre o preso: “Sim Senhor, Zito! Menino esperto, você precisa ir à escola. Não esquece: se sabe mais coisas desse irmão preso, avisa.” E ainda, “[...]Xico lhe acariciava a cabeça, sempre a repetir baixinho, para si mesmo:— Menino esperto, menino esperto...” (p.18).

Se o menino, então, está encaminhado nas complexidades do viver em uma situação de colonização, é importante essa complementação, ou melhor, a especialização do restante do saber, tendo, assim, armas, instrumentos suficientes para enfrentar a opressão e rumar à liberdade dos seus, inscrevendo-se na história como sujeito e não assujeitado à cultura imposta do branco que, talvez, *a priori*, não espera que este sujeito seja, e certamente será, um futuro combatente, convicto e poderoso, pois esse menino se alfabetizará pela cartilha da resistência, do engajamento e da transformação política e social de seu povo. O menino, desse modo, terá controle da história, das coisas, das exigências que um bom angolano sofre ao levantar bandeira em favor dos seus irmãos. A escola, por assim dizer, institucionaliza esse saber das coisas que interessam a esse menino:

Não se leva em conta que o menino, desde quando começa a “ver e a tocar”, talvez poucos dias depois do nascimento, acumula sensações e imagens, que se multiplicam e se tornam complexas com o aprendizado da linguagem. A “escola”(isto é, a atividade educativa direta) é tão somente uma fração da vida do aluno, o que entra em contato com a sociedade humana, formando-se critérios a partir destas fontes “extra-escolares” muito mais importantes do que habitualmente se acredita. A escola única, intelectual e manual, tem ainda esta vantagem: a de colocar o menino em contato, ao mesmo tempo, com a história humana e com a história das “coisas”, sob o controle do professor (GRAMSCI, 1991, p.142).

Talvez, como dito anteriormente, o opressor não vislumbre o real poder destes meninos. Mesmo que, entretanto, por reflexo do costume de impor suas decisões pela violência, censura, preconceito e descrença na capacidade e inteligência ou por pura atitude maquinal, o branco colonizador, de alguma forma, teme os movimentos do colonizado, e sai em ofensiva, a todo momento, contra qualquer tipo de manifestação cultural de seus aliados, por ter em mãos, “Um aparato que se apóia no reconhecimento e no repúdio de diferenças raciais/culturais/histórica”(BHABHA, 1998, p. 111).

Um exemplo deste fato foi quando a escola do time Botafogo, onde Xico Kafundanga é um dos jogadores, foi fechada por esses colonizadores que aproveitaram o ensejo para prenderem muitos negros que militavam no clube, e esse local de resistência e cultura não podia fechar. Mussunda convida, então, Xico para ser diretor do clube, e ele aceita a tarefa:

Mas só muito mais tarde, quando naquele cacimbo muitos irmãos do Botafogo foram na prisão por causa da escola primária do clube—e não tinha autorização; que não estava no Plano de Ensino;isto é, palavras dos brancos que querem dizer que ninguém sozinho pode fazer nada, pior se negro é quem quer fazer—, Mussunda foi dar encontro com Xico, era numa tarde, e fez-lhe o convite (p. 37).

Mussunda, ciente da importância de manter uma escola no clube do time de futebol, busca uma alternativa viável a fim de dar continuidade ao projeto de transformação da condição que ele e seu povo enfrentam – a de colonizados. O alfaiate sabe da urgência de todos tornarem-se sujeitos das próprias histórias, por isso a insistência em continuar com uma escola que ofereça um plano político-pedagógico que seja provedor das necessidades dos irmãos angolanos, e o projeto mais relevante é formar um futuro intelectual e talvez, ainda, um guerrilheiro. Para eles, afinal, esta é a real função da escola:

A função da escola pode ser, em certa medida, transformadora, sempre que possa proporcionar às classes subalternas, meios iniciais para que, após uma longa trajetória de conscientização e luta se organizem e se tornem capazes de “governar” aqueles que as governam (MOCHCOVITCH, 1990, p. 7).

Assim, se o colonizador, em contrapartida, assume um papel repressivo, ao fechar a escola do time os irmãos engajados assumem, por outro lado, a criação de um levante de rechaço, aparelhando os companheiros com ideias de luta. De certa forma, esses resistentes institucionalizaram informalmente o projeto “subversivo”; daí se instaura o confronto, cujos futuros gerais serão as crianças que, agora, especializam-se intelectualmente, mesclando a cultura genética, a de seu povo, ou o “campo espiritual” que é o domínio “interno da cultura nacional” (CHATTERJEE, 2000, p.230). Essa cultura, é óbvio, é a do povo angolano, a cultura tradicional, mas imbricada com a cultura vigente, a da resistência, que exige a busca e o conhecimento de outros discursos e culturas de mesmo objetivo e necessidades:

O “domínio espiritual” não permanece inalterado. Se vale dos discursos modernos e vários com o intuito de reafirmar a própria cultura. Portanto, o papel da escola conforme os moldes do colonizado é um local de manifesto contra a dominação em que “sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para povos sujeitos” através da produção de conhecimento (BHABHA, 1998, p.111).

Esse domínio é aceito estrategicamente por parte dos resistentes. Deste modo, o sucesso das estratégias de luta será positivo ao sofisticar as armas dos futuros combatentes, as crianças representadas na figura do menino Zito, educar os adultos, açambarcando mais forças de trabalho engajado, nutrindo a militância vigente que tem urgência para o combate: “através de um trabalho intelectual e educacional intenso e contínuo” (WILLIAMS,1997,p.133). O trabalho, portanto, é também com vistas a combatentes futuros, pois serão estes que, provavelmente, darão cabo à colonização excludente e opressora em seu país Angola, uma Angola para os irmãos que se uniram na luta por uma nação angolana livre. “A cultura é um método de mobilização de grupo e até uma arma na luta pela independência”(CABRAL,1999, p.127).

É neste movimento interno, em que se abrem pequenas e propositais brechas externas a fim de fortalecer a cultura interna pela resistência, que o nacionalismo destes combatentes terá a soberania, impedindo, desse modo,

que o colonizador desarrume seus costumes e carências: “O nacionalismo anti-colonial cria seu próprio campo de soberania, dentro da sociedade colonial, muito antes de iniciar sua batalha política contra o poder imperial” (CHATTERJEE, 2000, p.203).

Por este motivo, Xico e Mussunda fazem um trabalho intenso para manter seus pares alfabetizados politicamente, preservando, ao mesmo tempo, a cultura nacional temperada com a cultura exterior, privilegiando aquela que serviu a outros povos, também oprimidos, a se levantarem contra a exploração e desumanização dos sujeitos de diversas nações que enfrentam semelhante situação de colonização política e social.

Evidentemente que o menino Zito não tinha condições, nem financeiras e sequer de convicção, de frequentar a escola dos brancos, pois, *a priori*, não podia pagar pelo uniforme que esta instituição “oficial” exigia: “Na escola oficial, aí é preciso quedes, é preciso bata, é preciso isto, é preciso muita coisa. Tinha mais é que falar com Mussunda: pecado deixar Zito crescer sem livros. Menino esperto, jurava!”(p.38); e, *a posteriori*, o menino precisava mesmo é de uma escola como a que fecharam no clube do Botafogo, pois os resistentes não inventam a ação da sociedade sobre a educação: apenas transformam o seu carácter, arrancam da educação a influência do dominador: “Claro que nas nossas escolas temos que tirar tudo quanto era feito pelos colonialistas, que mostram a mentalidade colonialista. “[...] Para nós a pedagogia é aquilo que ensina às crianças a nossa luta, os direitos do nosso povo” (CABRAL, 1975, p. 981).

Com estas necessidades em mente o colonizado põe as práticas revolucionárias em movimento usando como gatilho a consciência de classe. Estando o colonizado na classe operária, cabe, então, a ele, fazer girar as engrenagens da luta, uma vez que seguramente é a que detêm um maior e real poder, pois este grupo é o gerador de riquezas para a sociedade, e essas riquezas vão além dos bens materiais, tendo em vista que as riquezas culturais têm um carácter valorativo de maior vulto: “Temos que acabar com toda a indiferença da nossa gente em matéria de cultura, com constância nas nossas decisões, na nossa determinação de fazer as coisas”(CABRAL, 1975, p.105).

Por isso o colonizador tenta sufocar a cultura do oprimido. Aniquilando a cultura aniquila-se o espírito do povo, transforma-o em coisas descartáveis. Luandino Vieira tem plena clareza deste artifício usado pelo opressor. O personagem Zito, portanto, e os alunos do clube, são instruídos nos moldes revolucionários que a luta da classe dominada exige. A transformação, neste caso, no entanto, é de outra ordem: “Organizam-se movimentos culturais que, ao expressarem muito da indignação, têm sobretudo o mérito de mobilização de pessoas vivamente interessadas na transformação” (CHAVES, 1999, p. 34).

2.3 A Ética na Guerrilha

As ações de solidariedade realizadas pelos personagens da narrativa demonstram a grande cumplicidade que os irmãos negros tinham uns pelos outros e, por isso, se unem: “homens e mulheres para mobilizar o povo para a luta, para acabar com o sofrimento, com a miséria, com as bofetadas, os pontapés, o trabalho forçado” (CABRAL,1975,p.98). Demonstram uma forma de consciência, de irmandade resistente, de atitude ética e ratificam o projeto do escritor, que almeja concretizar a liberdade do seu povo angolano.

As ações de solidariedade mobilizadas pelos personagens de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* são ações éticas, posto que efetivam o modelo de vida em sociedade pelo qual o movimento de libertação, ou seja, a formação da guerrilha, projeta como valores autênticos para a sociedade angolana livre. A consciência ética é uma espécie de, “força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores” (BOSI,2002,p. 120).

Os valores defendidos pelos personagens do romance são valores que embasam uma sociedade livre de repressões quanto ao seu direito de usufruir da cultura, da política opressora, das relações sociais sem receio do cerceamento e da censura imposta pelo colonizador, impedindo o colonizado de ser livre, igual, ter coragem, filiar-se a determinado partido, ideologia, grupo social, opinar, reagir, reivindicar e até mesmo usar do silêncio ou mesmo se acovardar, se assim o colonizado desejar. Por isso, o comportamento ético, de cunho solidário por parte de uma guerrilha, está, neste romance, em construção, mas se forma por intermédio das ações de seus militantes, pois entendem que:

O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la enquanto é movido por valores. Estes, por seu turno, repelem e combatemos antivalores respectivos. O valor é o objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações (BOSI,2002,p.120).

Com isto em mente, Luandino Vieira confirma os valores presentes no espírito de seus irmãos oprimidos, o germe socialista que o contexto político-social em Angola impingia a fim de aplicar as transformações imperativas. Tal procedimento contraria o espectro do colonizado por parte do colonizador, justificando a opressão com o argumento de que o colonizado assim o é por ser um povo de primitivos e desumanos, pois o “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111).

Sendo assim, o colonizado apresenta sua própria instrução com seus objetivos muito bem-articulados com base na cumplicidade: “Da cumplicidade decorre a representação humanizada de personagens muito frequentemente oprimidos seguindo uma visão comprometida com a retificação de seus valores e gestos” (CHAVES, 1999, p. 169). Essa cumplicidade que retifica os valores dos angolanos que lutam pela descolonização é esquadrinhada pelo escritor, pois o estado vigente de sua sociedade o atrai e este sente-se impelido a problematizar,por meio de sua escrita literária, os anseios e lutas de seu povo, considerando que “A força desse imã não pode subtrair-se os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo de qualquer cultura” (BOSI,2002,p.120).

Estes valores e gesto suscitam, então, a seguinte constatação: o colonizador ocupa o território geográfico, entretanto o colonizado ocupa os territórios espirituais, ou seja, as crenças, os costumes, o sentimento profundo de irmandade, de nação, articulando-se por meio da organização popular, da ética em não delatar seus companheiros de luta, em lutar por uma educação que formará ativistas políticos e intelectuais que possam atuar tanto no comando da guerrilha quanto nas ações diplomáticas e de poder político.

Deste modo, os personagens de Luandino funcionam como engrenagens na máquina de luta; engrenagens essas que não permitem a ferrugem, pois o objetivo de libertação nacional e cultural é muito maior e mais

contundente: “É um traço fundamental dos nacionalismos anticoloniais da Ásia e da África” (CHARTERJEE, 2000, p. 230). Um exemplo desse traço é quando o menino Zito e Vavô Petelo vão contar a Xico Kafundanga sobre o irmão angolano que fora preso: “E você, miúdo Zito. Vocês voltam no musseque. Já sabe, padrinho quando tem preso, você vê tudo e escusa mesmo vir: mande este menino” (p.18).

O comprometimento ideológico neste texto é de extrema importância para o sucesso dos planos de libertação de Angola. A consciência político-ideológica dos personagens que formam elos de resistência é o que construiria uma futura Angola livre, e é por este ensejo que os angolanos lutam na narrativa; lutam para não serem homens sem história e para “conseguir a liberación económica e política do pobo escravizado pelo capitalismo. Mais tamén agardaban producir, nesse proceso, uma transformación revolucionária das estruturas sociais existentes” (HARLOW, 1993, p. 230).

Esse comprometimento é com vistas ao coletivo. Os oprimidos aliam-se em prol de uma luta resistente ao subjugo do opressor e este, por sua vez, constata que não possui o efetivo poder que ilusoriamente professa, pois o oprimido não se comporta totalmente como tal; luta contra o domínio. A prova cabal deste comportamento são os movimentos de descolonização do povo. “As organizações de resistência e os movimentos de liberación nacional representa unha loita colectiva e concertada contra a dominación hexemônica e a opresión” (HARLOW, 1993, p.59). Fazendo uso destas organizações, o colonizado identifica as ações de poder do colonizador e as utiliza, em contrapartida, como táticas, com o desígnio de assegurar sua sobrevivência e o sucesso de seu plano de libertação, de vida futura, de garantias de existir como verdadeiro angolano.

O colonizador, todavia, insiste em apostar em uma dominação calcada pela alienação do povo colonizado, subestimando o poder de resistência e solidariedade desse povo, o qual se articula sob todos os aspectos cabíveis com o objetivo de alcançar o sucesso de seu projeto de nação para os angolanos. Para tanto, os personagens movimentam-se de maneira encadeada. Cada um tem uma responsabilidade definida e todos, ao final, unem-se como elos em uma rede de ações de obstinação e luta, focados na ética da solidariedade.

Mesmo quando há baixas, a articulação destes irmãos é racionalizada e focada no fecho da corrente: a Angola para os angolanos de verdade. Todos têm plena ciência deste fato e não sucumbem mesmo diante da violência e até mesmo da morte. Esses personagens representam “Sempre, isso sim, o iluminismo, a ilustração, o esclarecimento. As pessoas de carne e osso transmudam-se em formas narrativas simbólicas” (LARANJEIRA, 1979, p.89).

Tendo este desígnio em mente, Vavô Petelo, miúdo Zito, o Engenheiro Silvestre (branco), Souzinha, Xico Kafundanga, Mussunda, Maria, esposa de Domingos, juntamente com seus amigos, moradores do musseque de Luanda, e claro, o bom angolano e elo dinamizador dos atos de articulação de descolonização, o tratorista Domingos Xavier, são apresentados por meio da epígrafe retirada de um poema de Agostinho Neto –*Amigo Mussunda*– que fora um ícone de extrema importância para a libertação de Angola. Este comportamento se dá no texto, pois, “Neste sentido, a proposta do escritor angolano aposta na transformação da realidade vivida pelas personagens a partir de sua conscientização política e revolucionária” (MARTIN, 2006, p.227).

O escritor aponta com clareza, no texto, seu ideal, ao apresentar essas personagens que dão um tom de verdade nesta narrativa, e levam o leitor a confundir-se com a semelhança de acontecimentos históricos dos quais ele mesmo pode vir a ser testemunha tranquilamente, e notoriamente este tom de veracidade é norteado pelos personagens, a começar pelo avô Petelo, pelo miúdo Zito e Xico Kafundanga, o Francisco João. Estas figuras representam no texto as sapiências das diferentes gerações que povoam Angola; irmãos unidos de suas vivências e dos saberes históricos e tradicionais que coligam esse conhecimento para o caminho de luta, engajamento, coroando a utilidade dessa rede com esforços rumo à verdadeira vida, pois:

Pode-se dizer mesmo, sem receio de esquematismo ou superficialidade, que a força de ação e das personagens em *A Vida Verdadeira* de Domingos Xavier se instila na dialética do passado-presente, vida/coletividade: verdade. A escolha do título, à primeira vista, poderá parecer pouco inventiva; no entanto, denuncia a preocupação de verossimilhança e de concretude (LARANJEIRA, 1979, p. 88).

Outro personagem que faz parte da formação de uma futura guerrilha e que também pauta sua força de ação na ética da solidariedade, opondo-se à colonização, é o Vavô Petelo, cujo nome de batismo é Pedro Antunes, segundo marinheiro da canhoneira. Nos idos de 1928 teve uma febre em razão de uma malária, e recebeu uma injeção que o fez sofrer uma infecção que resultou na perda da nádega esquerda, o que fazia os meninos do musseque troçar do velho –Takudimoxi! Takudimox'éeéé (tem só uma nádega). Em contrapartida, porém, tinha o cérebro e o juízo íntegros e bem-formados no engajamento, culminando em uma posição importante nesta rede. O velho marinheiro sabia utilizar todo seu conhecimento de vida e do mar e era dono de um saber popular, o qual auxiliará a luta em vigência e, por isso, juntamente com seu neto Zito, seu discípulo nesta caminhada, era atento aos acontecimentos relacionados a sua gente, principalmente aos desmandos por parte do colonizador. Pedro Antunes é o passado que dá bases para a asseveração do presente e concretização do futuro.

Zito, menino esperto, promessa de um futuro angolano que saberá reivindicar os direitos de sua nação, e de sujeito que trabalhará intelectualmente para os seus, seja na guerrilha, seja culturalmente, demonstrava saber de cor a lição dada pelo seu avô Petelo; era a criança do musseque que, estando “A ‘margem africana’ da maior cidade angolana, isso seria fundamental para forjar sua consciência política” (MARTIN, 2006, p.216).

Por já possuir esse caráter, Petelo correu para avisar seu afilhado, Xico João, que uma mulher buscava seu marido que fora preso, utilizando-se para isso da esperteza e protoformação articulista de Zito, portanto futuro militante e angolano liberto. Miúdo Zito era esperto, e até nas brincadeiras sabia ganhar sendo estrategista, astuto e, sempre atento aos acontecimentos, viu quando Maria, esposa de Domingos, se dirigiu até a esquadra saber sobre ele:

Miúdo Zito, vigiado por Zequinha e Kamabuindo, rebocava, nas calmas, a bilha de Toneto para a “caga”. Azar, porque o rapaz tinha já três palmos, ia mesmo fazer “matança” e já pertinho da primeira buraca. Nesta hora mesmo uma mulher apareceu, com seu mona nos braços, e veio devagar, na direção deles. Miúdo Zito parou o gesto e olhou com curiosidade. Naquela hora as mulheres não vinham naquele sítio da prisão, só mesmo nos domingos de manhã quando, as vezes, davam visitas. A mulher passou por eles sem parar e se dirigiu na grande porta onde tocou a campainha. Era Maria, com seu miúdo Bastião, que vinha procurar Domingos (p.80).

Em um primeiro momento, ao contrário de Zito, Xico Kafundanga, era operário dos correios e telégrafos e jogador do time Botafogo, homem vaidoso, preferido das moças, usava calça apertada e brilhantina, moda imposta pelo colonizador. Xico estava mudando; refletia sobre sua vida e a vida de seus irmãos negros. Ainda carecia, no entanto, de uma maior lapidação para não se tornar um elo frágil nesta rede. Xico era um alienado prestes a cair na armadilha de assimilação do colonizador.

Xico Kafundanga, no entanto, possuía algo de grande relevância para a fortificação desse elo – o amigo Mussunda – o alfaiate do Bairro Operário, o homem que suscitou a seguinte reflexão no jogador: “que a vida não é só calça estreita, brilhantina avulso, camisa americana”(p.36). O jogador era o presente ativista da causa nacionalista, uma vez que, juntamente de seu padrinho e do menino, eram os representantes de diferentes tempos e experiências, fortalecendo, então, o objetivo firmado: o de escrever a mesma história de luta cujo intento era a descolonização de seu povo. Desse modo, eles “reúnem-se numa sincronia de esperança conjurando a aniquilação dos tempos e vontades do mundo sobreposto ao seu” (LARANJEIRA, 1979, p.92).

Devemos lembrar que o mentor desse anseio de esperança é o alfaiate Mussunda, e que ele é o mestre de Xico João e é o causador da epifania que Xico João viveu após seu amigo Mussunda lhe explicar sobre as reais prioridades da vida, e a principal era o engajamento a fim de culminarem ao ideal aspirado. Para atingirem este apogeu, todavia, era necessário que todos os elos estivessem bem-vinculados, todos, sem exceção. Sabendo disso, então, Mussunda “Mostrou a Xico que não havia branco, nem preto, nem mulato, mas só pobre e rico, e que rico é inimigo do pobre porque ele quer sempre pobre”(p.36). Xico, acordado da alienação em que mergulhara anteriormente, questiona: Se o rico não dá emprego ao pobre, este, por sua vez, não teria trabalho e teria que esmolar? O amigo alfaiate esclarece, porém, que pobre é sempre pobre e rico é que depende da força de trabalho do pobre para enriquecer cada vez mais, pois nestas duas classes sociais antagônicas a que mais depende da outras – a pobre – é a rica, pois é a pobre que gera riqueza

E mais, se não tem a comida do rico, como reclamou Xico em sua turvação passageira, o intelectual e amigo responde peremptoriamente que “se não tem comida de branco se come funji”. Os oprimidos politicamente possuem sua cultura, seus costumes e soluções para suas carências, pois são sujeitos donos de sua história muito bem sedimentada culturalmente, mesmo sendo frágeis politicamente. Conhecendo desta maneira o discurso colonial é que Xico entendeu que este discurso “É uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural” (BHABHA, 1998, p.107).

Com a mente aclarada, Xico é convidado pelo alfaiate para ser diretor do clube Botafogo onde os irmãos negros haviam aberto uma escola e que, após isto, os brancos fecharam com a desculpa de que o local não respeitava o plano de ensino imposto pelo colonizador. Por isso, muitos negros foram presos. Obviamente o clube não poderia fechar, pois era um local de engajamento e resistência e era a oportunidade que Xico tinha de trabalhar pelos seus irmãos ativamente:

– Sabe, mano Xico! Muito tempo já que lhe espreitamos. Você é bom rapaz, alfe como você a gente não tem. Agora sua cabeça não tem só brilhantina. Os rapazes pedem se você quer ser o director aí no clube. Com Maneco e Zezinho na prisão, precisamos gente, se não o clube morre! Xico Kafunga sentiu grande alegria. Muito tempo um bicho roía no seu coração vendo outros irmãos no trabalho comum e ele sempre fora, só dando pontapés e dançando massemba e merengue. Não teve palavras para o amigo Mussunda, os olhos só que ficaram pequenos, sentiu o cacimbo a cobrir-lhes, e respondeu:
– Aceito! Vocês é que sabem (p.37).

Importante ressaltar que todo esse movimento de transformação do jogador do Botafogo foi engendrado por Mussunda, homem bom segundo seus irmãos de luta. O bom angolano³ reafirma suas intenções ao convidar Xico para a diretoria do clube, e Xico não somente aceitou simplesmente ser diretor, aceitou também transmutar suas atitudes perante a causa de sua nação em benefício de seus irmãos. Diante deste quadro urgente, o atual diretor do

³Essa expressão *–bom angolano–* significa para os guerrilheiros e articulistas da resistência a indicação de que o sujeito designado por esse adjetivo é uma pessoa que está pensando no coletivo, em seus pares, e que também está efetuando ações concretas para obter junto dos seus, o seu direito de ser um cidadão descolonizado e poder usufruir de toda sua angolidade, com tudo o que isso implica.

Botafogo, agora militante convicto, passou a estudar línguas, a mexer em máquinas e a preocupar-se mais intensamente com a educação formal de Zito, e também a aprender com a experiência do padrinho Petelo, ou seja, a utilizar-se das práticas revolucionárias e ter consciência de classe:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “por si”, sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teórica-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica (GRAMSCI, 1991, p.21).

Por tudo isso Xico alcançou a importância de sua mudança de visão acerca da luta e principalmente, o valor da escola para os meninos, futuros ativistas da causa:

Verificou-se que a cultura é a verdadeira base do movimento de libertação, e que as únicas sociedades que podem mobilizar-se e lutar contra o domínio estrangeiro são as que preservam sua cultura... é um elemento essencial do processo histórico (CABRAL, 1999, p.140).

Mussunda, companheiro e articulista da militância, era um viúvo que vivia somente em sua pequena casa que também era sua alfaiataria. Ali ele articulava com seus irmãos todos os planos para a prática de uma Angola livre. Sua fama de alfaiate corria os musseques. Ele fazia calças dezoito bainhas para os farristas, do Rangel à Boa Vista, calças de suinguistas e contava com o auxílio de João Rosa, “homem como ele, difícil encontrar... E não tem dúvida: Mussunda é um bom” (p.67). Sim, Mussunda era um bom homem, um bom angolano, personagem que, para além das páginas literárias, era um homem que realmente vivenciou em Angola a luta pela libertação do país. O alfaiate era o sinônimo da solidariedade versado no poema de Agostinho Neto, amigo e admirador e mais importante reconhecedor do valor humano do alfaiate. O poeta, portanto, descreve o amigo nas seguintes estrofes do poema *Mussunda Amigo*:

Para aqui estou eu
Mussunda Amigo
Para aqui estou eu (...)
A vida, a ti a devo
à mesma dedicação, ao mesmo amor
com que me salvaste do braço
da jibóia

à tua força
que transforma os destinos dos homens

A ti Mussunda amigo
a ti devo a vida

E escrevo versos que não entendes
Compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
escrevendo versos que não entendes

Não era isto
que nós queríamos, bem sei

Mas no espírito e na inteligência
nós somos!

Nós somos
Mussunda amigo
Nós somos

Inseparáveis
e caminhando ainda para o nosso sonho (...) (NETO, 1979, p. 79-80).

Os angolanos, como Agostinho Neto, devem a vida ao amigo, e devem da mesma forma lutar por Angola por ter um ativista tão convicto de seu dever e, sobretudo, um bom intelectual, elo-chave para o ápice da resistência. Juntamente com o seu amigo, o engenheiro branco Silvestre, eles articulavam-se de todos os modos, principalmente os intelectualizados e humanos para o benefício do povo angolano.

O branco não era, segundo Souzinha, outro elo que teve de desaparecer estrategicamente para o bem da luta. Dizia que o branco era “um daqueles brancos que te faz bem para você gostar dele, para ficar satisfeito porque o coração manda. Não! Esses eu conheço bem. Este quem manda é a cabeça dele”(p.22). O branco, se precisasse, gritava a maca pelo “direito da gente viver como nós vivemos, com nossas coisas, nossas comidas, tudo quanto quisermos”(p.24).O engenheiro Silvestre, conluiado com seus amigos mencionados anteriormente, é mais um intelectual dos “mais independentes e enérgicos e, portanto, menos propensos a assujeitarem-se a uma possível legislação ainda mais humilhante do que a de costume” (GRAMSCI, 1991, p.21).

Não faziam parte da classe de intelectuais, academicistas, eclesiásticos

burgueses ou filósofos, daqueles que, de certa forma, criam uma aura de poder absoluto e, por sua vez, excludente, que acreditam ser independentes e revestidos de características próprias e privilegiadas. O intelectual, porém, neste conceito ora citado, é intelectual, mas não são todos os homens. Pode-se dizer, então, que nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais, pois os que atendem aos preceitos do colonizador não cumprem o seu exato papel social, o papel que Xico, Mussunda e Silvestre cumprem perante sua nação angolana.

O papel que Maria, personagem igualmente atuante e peça de valor neste projeto de descolonização, esposa de Domingos, cumpre ao ir a Luanda, é o de procurar seu homem que, segundo ela:

Mais de quatro anos sempre juntos, com Domingos muito amigo, nunca faltando com seu ordenado, às vezes um pouco mais difícil, nos sábados à noite, quando, com outros amigos, queria desferrar a semana de trabalho duro. Mas, amigo de miúdo Bastião, nem se fala! Brincava na esteira, brincava no chão, tudo o que ele podia era para seu filho (p.29).

A esposa, sabendo como era o caráter de seu marido, não entendia o motivo da sua prisão. Não esmorece, entretanto, e se lança em busca do seu homem; um homem de sorriso largo, pacífico, que “nunca jogava porrada com ninguém, sempre amigo da mulher, sempre amigo de seu mona, lhe prenderam porquê?”(p.30). Então, aconselhada por Zefa, mãe de Souzinha, vai à administração perguntar por Domingos. Levou o pequeno Bastião no colo para o menino chorar e fazer barulho conforme aconselhou a amiga. Chegando lá cedo da manhã, pergunta ao cipaio Toneto pelo administrador e este a manda esperar. O administrador chegou mais tarde e Maria pergunta a ele por seu marido que fora preso sem razão, e o homem responde a ela, zangado, que Domingos era um bandido, que queria matar os brancos e o melhor era esquecer o marido.

Maria, contudo, não desiste, e, então, recebe uma informação do cipaio Toneto, que diz a ela que seu marido foi levado, pela manhã daquele dia, a Luanda, e o cipaio acrescenta, ainda, que Domingos estava sendo acusado de querer matar os brancos e, por isso, foi violentamente agredido pelos outros cipaiais a mando do Sô administrador. Toneto continua: “– Sabe mana! Sô

administrador estava-lhe perguntar o nome do branco. Eu estava ouvir só cá fora: Quem é o branco, quem é o branco”. E também queria saber onde estava Bernardo de Sousa, aquele rapaz magrinho...(p.33). Percebe-se claramente na narrativa que as personagens vivem cotidianamente aflições de toda a ordem, em razão do modelo político imposto pelo colonizador, uma vez que “Dramas como esse são encenados *diariamente* em sociedades coloniais” (BHABHA,1998, p.119).

O Sô administrador queria saber quem era o branco e onde estava o moço magrinho, mas Domingos Xavier não queria dizer e não disse. Mesmo sofrendo grande violência, ele não diria mesmo sob a mais terrível tortura. O administrador não entendia o porquê desta atitude do preso, e ainda não entendia a ética dos militantes. Ele prometera a si mesmo que, em nome de sua terra, de sua família e de seus irmãos negros, não iria declinar os seus, aqueles que lutavam pela futura liberdade de Angola. Tomando essa atitude de coragem, Domingos estava pronto para arcar com qualquer consequência que, porventura, tivesse de sofrer, até mesmo a morte.

De certa forma, Domingos era dono de um maior poder do que o colonizador: tinha o poder da amizade, da coragem, da resistência lastreada por firmes propósitos, enfim, da solidariedade, da consciência do mundo em que vivia e quais as reais carências desse mundo, ao contrário do opressor, que via o mundo de Domingos como mais uma coisa efêmera, que pode ser aniquilada ou vendida, um mundo sem história e sem sujeitos construtores dessa história. Por isso o tratorista, ainda que estando quase morto após brutal tortura, sentia-se feliz por não ter declinado os seus. A prática da tortura, sob o pretexto de sufocar insubordinações por parte dos negros e sufocar também futuras rebeliões, era estéril, diante de tanta consciência social e política desses negros, pois as torturas para o colonizador eram um modo “de que se evitasse distúrbios no futuro da colônia portuguesa que propunha a criação de duas justiças, uma para os brancos e outra para os negros” (CHAVES, 2005, p. 41).

Embora o colonizador usasse largamente essa prática violenta, não afetava as convicções do colonizado; porquanto o oprimido, utilizando-se da resistência, demonstra a da contraposição a um poder sem legitimidade. Domingos, estando em tal condição, comportava-se como um bom angolano

apesar de estar indo ao encontro a morte: “Não ia trair a vida” (p.76). A natureza corroborava com esta ação; ela trazia a mensagem de vida para dentro dos muros, confirmando que Domingos, sob nenhuma hipótese, iria trair essa vida e sua nação:

Lá fora tinha estrelas sobre a paisagem quente, um vento fresco corria por cima da noite e trazia a mensagem da vida para dentro dos muros. Domingos Xavier não ia trair essa vida. Pensou ainda, se sentindo muito longe, boiando nas águas verdes do rio que vira nascer e que corria levando-lhe ao mar, as pernas boiavam partidas, os braços caíam livremente e a água corria de seus olhos, rio abaixo (p.76).

Firme, então, em seu dever, Domingos, após a derradeira e brutal tortura, fora atirado em uma cela lotada, caindo sobre outras presos. Já era madrugada e, por serem muitos presos que ali estavam por diversos motivos, e a maioria por motivos frívolos, e dormiam no cimento embrulhados em jornais ou trapos de cobertores, receberam Domingos com comiseração após constatarem que ele estava desfigurado e sangrando. Esses personagens estão na narrativa de Luandino, pois tem um papel importante; não são meros personagens secundários, posto que:

Não é apenas povoada por personagens exemplares, protótipos de heróis e mártires, prontos para morrer pela causa. Assinala-se em suas páginas o apreço pelos personagens marginais, e ao lado de militantes empenhados na transformação, de homens que assumem o compromisso de mudar a realidade (CHAVES, 2005, p.28).

Esses personagens marginais cumprem seu papel nesta literatura de resistência e, principalmente, de solidariedade: “São personagens para fazer frente à rede opressiva da violência colonial” (CHAVES, 1999, p.169). Apesar dos horrores que sentiram diante do aspecto mórbido de Domingos, puseram-se a socorrê-lo:

Um vento de frio correu no meio dos homens. Era terrível aquela cara, quase sem feições, sangrenta, mas um sorriso teimoso nos lábios. O mais miúdo se abaixou e, tirando, um lenço começou a limpar com cuidado o sangue na cara de Domingos Xavier. O homem alto e forte deitou-lhe, depois, com muito jeito, no chão, enquanto um velho, ainda cheirando a vinho, começava a choramingar. Alguém que tinha um cobertor abriu-lhe em cima do tractorista e cobriu com ele o corpo magro e torturado (p.77).

Assim, sob o socorro e caridade dos presos que dividiam a cela,

comportamento que “Reflete a consciência ou a tomada de consciência de uma identidade própria, generaliza e consolida o sentimento de dignidade, reforçado pelo desenvolvimento de uma consciência política” (CABRAL,1999,p.140), e com esta consciência política firme, o tratorista viu sua vida se esvaír aos poucos, pela noite afora; o sangue escorrendo cada vez mais, a respiração enfraquecendo, a morte se assenhoreando do corpo de Domingos, mas não, no entanto, de seu espírito, de seu comprometimento político. Alguém diz que ele parecia dormir e, de fato, “Domingos dormia para seus irmãos, feliz em sua morte, de madrugada, com a luz da lua da sua terra a sair embora para contar depois, todas as noites, a história de Domingos Xavier” (p.78).

Domingos morrera ao som da solidariedade e do reconhecimento por ter sido até a morte um verdadeiro angolano, e a canção entoada pelos amigos de cela repercutiu por toda a prisão e “encheu toda a noite branca do musseque. E nem todos os chicotes de todos os cipaios metidos na prisão conseguiram de calar os presos antes do nascer do dia. Uexile Kambadiami/Uma uolobita/Uafu/Mukonda Kajimbuidiê/Era meu amigo/aquele que vai a passar/Morreu/porque não quis falar”(p.78).

Domingos morreu porque não quis falar e porque não trairia seus amigos e a causa; não faria isso em virtude de um motivo de maior vulto para ele e para seus irmãos, a libertação de sua pátria angolana, e sua morte possui um profundo significado – “A fertilidade desalienatória: [...]Domingos Xavier começou a viver a vida de verdade no coração do povo após a morte” (LARANJEIRA,1979, p.94). A vida verdadeira após a morte fica no coração do povo que conhecia e participava do movimento de descolonização, pois Domingos escreveu uma página importante de sua própria história. Domingos não se transformou em mais um colonizado alheio ao sofrimento e exploração dos seus, que são, como o tratorista,

A imagem das estórias entrelaçadas que conformam e justificam a realidade – e perseguir o fio da vida – fio das histórias pessoais e coletivas – Futa aponta para a necessidade de constituirmos nossa identidade como sujeitos históricos afirmando valores para a mobilização popular contra o poder instituído (MARTIN, 2006, p.224).

Com a morte de Domingos, então, é que Vavô Petelo soube de quem se

tratava o preso levado pela carrinha, e quem lhe disse foi o menino Zito, após testemunhar o desespero de Maria quando ela foi à cadeia perguntar pelo seu homem. Zito brincava em frente à cadeia, brincava atento aos acontecimentos em volta, principalmente no que acontecia na prisão, e testemunhou quando Maria saíra de lá gritando “– Aiuê! Aiuê, meu homem! Aiuê! Lhe mataram, tenho a certeza”(p.83).

Por isso Petelo soube quem era a mulher desesperada, e o nome do marido morto, Domingos Xavier, e decidiu ir rapidamente avisar seu afilhado, Xico Kafundanga, que estava na casa do amigo Mussunda por causa da farra combinada para aquele sábado. Assim, Xico e Mussunda souberam quem era o preso, e o alfaiate anunciou para todos que haviam matado um camarada, o tratorista, e enfatizou que a farra não precisava acabar porque a alegria era grande, pois Domingos Xavier se portou como homem de verdade, não se vendeu, e concluiu que a vida de Domingos começara naquele dia, no coração do povo angolano:

– Irmãos, angolanos. Um irmão veio dizer: mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tratorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo, e da sua terra. Fiz parar esta farra só para dizer isto, não é para acabar, porque a nossa alegria é grande: nosso irmão se portou como homem, não falou os assuntos do seu povo, não se vendeu. Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos Antonio Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano... (p.94).

Começa a vida de verdade de Domingos, pois ele passa de simples oprimido a símbolo de resistência à opressão e à coisificação à qual os colonizadores transformavam os colonizados. Os negros eram meros objetos geradores de riqueza e lucro para o opressor; seres sem história, sem cultura, sem conhecimento e articulação. A morte de Domingos, entretanto, como tantas mortes, prova a força da solidariedade e do engajamento político social do povo angolano que enfrenta, de algum modo, a degradação, por isso:

Reiteram-se ali, fundando o núcleo de significações, as noções de luta, resistência e solidariedade valores presentes no ideário socialista que o contexto sócio-político em Angola já integrava aos sentidos da transformação (CHAVES, 1999, p.163).

Refletindo, portanto, acerca deste evento – a morte de Domingos –, é

lícito concordar com a homenagem que Agostinho Neto faz a Mussunda em seu poema. Agostinho era um poeta de honra revolucionária, combatente na luta anticolonial, primeiro presidente da República Popular de Angola, cujo trabalho ultrapassa os limites da história literária, confundindo-se com a própria história deste país, e em seu poema– *Mussunda Amigo*– cuja a estrofe –*nós somos Mussunda Amigo*– serve de epígrafe nesta narrativa, realmente todos os personagens que compõem esta rede de resistência são Mussundas como Domingos o foi, e que por ter esse caráter de engajamento lutou até o fim, tal qual todos os seus companheiros, mas o fim não é a morte, e sim entregar a vida contra a exploração esterilizante do colonizador.

A resistência é de extrema força neste caso, e é prova que os principais resistentes representavam, certamente, grande ameaça para o opressor, por isso este partia para a aniquilação deste perigo. Se o opressor utilizava-se do extermínio é porque reconhecia, ironicamente, o poder da luta dos colonizados, os quais pretendiam, “producir, nesse processo, unha transformaci3n revolucionaria das estruturas sociais existentes” (HARLOW, 1993, p. 38).

A vida verdadeira de Domingos Xavier era a vida de todo colonizado que vive a combater a coloniza33o, que vive a realidade de ser um colonizado, de ter fome, n3o ter emprego, n3o ter direito de frequentar a escola, de n3o poder manifestar a sua cultura, seus h3bitos, sua vida privada, sua vida p3blica, seus direitos, de sentir-se, enfim, cidad3o de sua terra.

CAPÍTULO 3

O LIVRO DOS GUERRILHEIROS

Este Capítulo pretende discutir questões pertinentes ao processo de resistência na escrita de Luandino Vieira, mais precisamente no romance *O Livro dos Guerrilheiros – narrativas*. Neste sentido, serão analisadas as ações da guerrilha e o processo de descolonização a ela inerente. Para tais discussões, construídas a partir do texto de Luandino, ter-se-á como norte a chamada Literatura de Resistência. Para tanto, na primeira parte deste Capítulo será analisado como se engendra a guerrilha, suas formas de organização e como os sujeitos nela envolvidos articulam suas ações.

3.1 A Guerrilha e Suas Ações

A primeira parte deste Capítulo tem o objetivo de discutir as ações de uma guerrilha que trabalhava pela descolonização de seu país. Para se obter um entendimento mais claro sobre o motivo destas lutas, entretanto, é preciso entender como aconteceu a colonização de Angola realizada pelos portugueses.

Sendo assim, de modo breve será apresentada a história de Angola, que foi atravessada pela história colonial portuguesa entre os séculos 17 e 19, em que predominava o tráfico de escravos, chegando até o sudoeste africano, onde hoje se localiza Angola, lembrando que neste território africano, assim como em outros neste continente, havia um grande número de grupos étnicos e linguísticos diferentes, como os grupos Ovibundu e Umbundo. Portugal, então, deu início às relações econômicas em alguns destes grupos com o objetivo de estabelecer negócios nos portos comerciais de Luanda e Benguela, bem como nos vales fluviais vizinhos:

Foi apenas na segunda metade do séc. XIX que os europeus começaram a colonizar o interior angolano, incluindo a bacia do rio Kunene. Em 1857 um grupo alemão fundou uma das primeiras colónias europeias no interior, no planalto de Huíla. Mais tarde, em 1881, 300 bôeres chegaram às remotas terras altas de Huíla, e no final da década de 1880 os esquemas de colonização apadrinhados pelo Governo Português trouxeram 1.500 colonos da Ilha da Madeira para o planalto. A política de colonização “imperialista” por parte do Estado português teve o seu verdadeiro início a seguir à Conferência de Berlim realizada em 1884/85. Esta conferência previu as potências europeias dividirem África entre si, estabelecendo fronteiras coloniais ao longo de todo o continente. No entanto, os limites inferiores da bacia do Kunene ainda não se encontravam sob o controlo da administração portuguesa. Na década de 1890 apenas alguns soldados coloniais tinham sido estacionados no remoto sudoeste, onde os militares portugueses tentaram dominar exércitos indígenas bem armados (BOLLIG; MÖHLIG, 1997, p. 320).

Prosseguindo ainda com a localização histórica, se avançará um pouco no tempo até os anos 70, visto ser a década em que os movimentos de libertação foram intensificados e o agente principal destes atos era o Movimento Pela de Libertação de Angola (MPLA). Segundo relatos de militantes, este não era um partido; era um movimento que visava a instituir o socialismo científico baseado na linha de Marx e Engels, e, claro, com a participação do povo, e que esse povo tivesse as rédeas de seu país – Angola:

O MPLA continuará como sempre a lutar para que a classe operária – legítima depositária do socialismo científico – assuma o seu papel dirigente, mas sem que para isso se isole das outras forças sociais da sociedade angolana cujos interesses coincidem com os objetivos da reconstrução nacional (BUREAU POLÍTICO, 1977, p.56).

Sendo assim, este movimento objetivava a retomada pelo povo das riquezas de Angola e, para os militantes, a maior riqueza era o conhecimento e a intelectualidade por meio da educação, mas visavam ainda a outras riquezas, como:

O aumento da produção agrícola e industrial, a organização de todos os sectores da produção e o aumento racional da produtividade, a organização do ensino e saúde, o combate ao analfabetismo, são as premissas que assegurarão a construção do socialismo em Angola (BUREAU POLÍTICO, 1977, p.56).

Tendo, então, como meta principal os projetos listados anteriormente, a guerrilha articulou-se constantemente, projetando suas ações a fim de concluir seus intentos de descolonização e autonomia política e social, ressaltando que tudo isto contou com a plena participação do povo. Toda essa construção socialista era para que pudessem, no futuro, formar um partido com bases marxistas, enriquecidas com a cultura e os ensinamentos dos populares, que compreendia os trabalhadores angolanos da cidade e do campo.

Para que a guerrilha, entretanto, juntamente com o povo, alcançasse o projeto de uma nação para os angolanos e uma nação gerida pelo seu povo, era preciso lutar contra a colonização impetrada não somente por Portugal, mas pelas atuações violentas vindas da parte dos Estados Unidos e da França, com o intuito de desestabilizar os movimentos perante outros países e também dentro da própria Angola e África:

O inimigo principal continua a ser o imperialismo mundial, que, encabeçado pelo imperialismo norte-americano, se mostra muito agressivo em relação a Angola e à África austral, sobressaindo particularmente neste momento a agressividade dos interesses monopolistas franceses...(BUREAU POLÍTICO, 1977,p. 57).

Com estes projetos em mente, os militantes agiam de modo que nenhuma ação exterior contrária aos planos para a nação pudesse minar as atividades de introdução de progresso e descolonização do país. Para tanto, lutavam para desarticular ideias e ataques oportunistas que, porventura viessem a desmembrar os movimentos revolucionários.

Nestas operações, com o intuito de manter o plano de uma Angola para o povo angolano, totalmente íntegro e contra o imperialismo, os militantes do MPLA, então, desarticularam uma tentativa de Golpe de Estado em 27 de maio de 1977 contra o governo de Agostinho Neto. O golpe fora planejado por uma facção do próprio MPLA que, encabeçada por Nito Alves, que havia sido ministro do Interior de Angola desde a independência em 11 de novembro de 1975, indo até a data em que o presidente Agostinho Neto extinguiu o cargo deste ministro em outubro de 1976, e em razão da abolição desta função primordialmente, motivou a tentativa de desarticular o governo do presidente angolano.

Nito Alves se articulava como opositor de Agostinho Neto, pois era contra os temas da política externa de nãoalinhamento, socialismo evolutivo e multirracismo. Alves favorecia o reforço das relações com a União Soviética e defendia a concessão de bases militares soviéticas em Angola. Sendo apoiante da União Soviética, representou o MPLA no 25º Congresso do Partido Comunista Soviético em fevereiro de 1977, e tinha como apoiador de sua posição política o companheiro Zé Van-Dúnem, que também havia sido primeiro ministro de Angola por duas vezes.

Os dois companheiros, adversários ao governo de Agostinho Neto, projetavam um golpe de modo silencioso e, em seguida, planejavam tomar o poder, desarticulando, ou melhor, liquidando, todos aqueles que não partilhavam das suas ambições e que não concordavam com seus métodos de atuação. Sendo assim, a fim de obterem sucesso em seus planos, eles usavam de expedientes que desmoralizassem o governo de Agostinho Neto diante do povo:

Utilizavam a demagogia fácil, especulando com todas as dificuldades inerentes à criação do novo Estado independente, acrescidas dos problemas criados por uma violenta guerra de agressão que destruiu o país de norte a sul e deixou centenas de milhares de compatriotas sem lar e sem todos os seus bens. Essa manipulação das dificuldades do nosso Povo era vestida com uma roupagem pseudomarxista, que explorava a fundo a receptividade que o Povo de Angola sempre manifestou pelos ideais revolucionários e pelo socialismo. Foram também usadas as mais torpes calúnias sobre os dirigentes e militares que, pelas suas funções constituíam maior obstáculo ao desenvolvimento de toda a estratégia do grupo (BUREAU POLÍTICO, 1977, p.12).

A tentativa de golpe, entretanto, como exposto anteriormente, foi sufocada pelos membros do MPLA favoráveis a Agostinho Neto por meio de instruções via Rádio Patrulha que partiram do Ministério da Segurança Nacional, enviando mensagem a várias localidades do país onde existissem grupos de apoio ao governo. Os insurgentes haviam ocupado a Rádio Nacional, mas foram cercados pelo grupo favorável a Agostinho Neto e o povo foi sendo acalmado:

Os camaradas Ministro e Vice-Ministro da defesa e diretor Nacional e Diretor Adjunto em contacto permanente com o Camarada Comandante-em-Chefe, prepararam de imediato o plano de liquidação da intentona, que por razões de ordem nacional teve começar pela libertação da Rádio, para que a Nação inteira se tranqüilizasse (BUREAU POLÍTICO, 1977, p.46).

Esclarecendo ainda, sobre a importância do Movimento pela Libertação de Angola, seria relevante mostrar como ele surgiu, uma vez que este órgão é um instrumento imprescindível para as ações de libertação do país, haja vista o relatado acima acerca das investidas firmes deste grupo político nas questões concernentes à luta de descolonização, lembrando também que ainda hoje o MPLA movimenta-se em Angola, entretanto com outra configuração, sendo um partido ex-marxista, com características sociais democratas. O mandato deste

partido é majoritário na Assembleia Nacional, até que as Nações Unidas considerem criadas as condições para a realização de novas eleições, e que novas lideranças se manifestem. O partido é dirigido por José Eduardo dos Santos, que é também o presidente da República há quase quarenta anos.

Embrulhadas nas vicissitudes da clandestinidade, reduzidas a pequeníssimos círculos de estudantes e intelectuais, muitas das pequenas organizações nacionalistas tiveram uma existência ténue e irregular. Seria este o caso, por exemplo, do Partido Comunista de Angola, criado em 1955, em Luanda, e do qual Viriato da Cruz seria o único com ligações ao correspondente metropolitano, ou de uma outra iniciativa do mesmo núcleo, o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUAA), criado em 1956, em Luanda, pelo mesmo Viriato da Cruz, Ilídio Machado e António Jacinto. Foi o manifesto deste grupo que seria posteriormente apontado como a proclamação fundadora do MPLA, muito embora a sigla só apareça em Paris no final da década de 50 e a organização formal só se tenha estabelecido, bastante mais tarde, já em Conacri, em 1960. Dirigido inicialmente por Mário de Andrade e Viriato da Cruz, o MPLA agrupou também um pequeno número de intelectuais e estudantes mestiços da área de Luanda (PINTO,2001, p.38).

Sendo assim, após esta breve contextualização histórica, parte-se agora para a discussão acerca das investidas da guerrilha em que o romance que será estudado problematiza a trajetória do movimento de descolonização, e o escritor constrói sua narrativa relatando alguns combates e as experiências pelas quais os personagens ativistas passaram.

O Livros dos Guerrilheiros,⁴ narra a trajetória de alguns personagens que fizeram parte da guerrilha do Movimento de Libertação de Angola (MPLA), em prol da descolonização de Angola. Esta narrativa é construída a partir do relato de cinco guerrilheiros: Celestino Sebastião (Kakinda), Eme Makongo (Mau pássaro), Kibiaka, Kizuuu Kiezabu (general Kimbalanganza), e há ainda uma espécie de reverência ao revolucionário mexicano Zapata realizada por dois amigos inseparáveis, Kadisu e Ferrugem, guerrilheiros também, mas o primeiro relato começa com a apresentação do narrador destas histórias, o guerrilheiro Diamantino Kinhoca (Kene Vua) e, por fim, o fechamento das narrativas com o capítulo “Nós, a Onça”.

⁴ A edição utilizada nesta Dissertação é: VIEIRA, Luandino. *O Livro dos Guerrilheiros de Rios Velhos e Guerrilheiros II*. Lisboa: Editora Caminho,2009. A partir daqui, portanto, quando se tratar de citação da obra, será indicada somente a página.

Antes, entretanto, de relatar os combates e a sua trajetória nos movimentos de luta, juntamente com seus companheiros, Kene Vua abre a narrativa sob o título *Eu, os Guerrilheiros*, apontando que a revolução foi feita por muitos, por sujeitos de características específicas muito importantes, mas que somente se fortaleciam verdadeiramente quando lutavam todos juntos. Nesta abertura ele aponta o caminho pelo qual o seu relato andar. Os passos de seu relato, acionado pela memória, serão de dar notícias dos acontecimentos vividos por ele e pelos seus irmãos; vivências de alegrias, lágrimas, tristezas, perdas de vidas de velhos e moços, o combate, as vitórias e derrotas, enfim, as experiências de estar em uma frente de luta armada contra o colonizador.

PAUTA DE ALGUNS GUERRILHEIROS QUE TEVE NO GRUPO DO COMANDANTE NDIKI NDI, OU ANDIKI, E QUE VIERAM NA MISSÃO QUE FOMOS NO KALONGOLO, NAQUELE ANO DE 1971. CONFORME NOTÍCIAS, MUJIMBOS E MUCANDAS E AINDA AS LEMBRANÇAS DE QUEM LHE ESCREVEU. ALGUNS SUCESSOS DE SUAS VALEROSAS VIDAS OU SUAS EXEMPLARES MORTES, PARA ALEGRIA DOS MENORES E TRISTURA DOS MAIS – VELHOS (p. 9).

Com isto em mente, a história é construída por cinco narrativas, mediadas por um narrador, Diamantino Kinhoca, o guerrilheiro conhecido como Kene Vua. Ele começa seu relato dizendo que irá cantar o herói dos cinco combatentes, e que, também, não irá reinventar a verdade, pois possui documentos e papéis. Ainda declara que fizeram a revolução e por isso suas memórias têm o sangue do tempo.

Ele inicia a narrativa pelo relato de sua experiência na guerrilha quando ainda era criança, relatando combates que vivenciou e atuou. O segundo relato é sobre o herói dos cinco combates, Kakinda Bastião; já o terceiro relato dá conta de Makongo Paka, que fora para a escola quando ainda menino. Inicia essa narrativa sobre Makongo Paka com a frase “era uma vez” e explica esta escolha porque, neste tempo relatado, não havia minas nas picadas e, por isso, podiam andar descalços sem medo.

No texto é esclarecido que Makongo Paka sempre falava nós, e confessou a Kene Vua que as pessoas deviam cheirar bem como uma flor. Aproveita, então, para contar sua infância, que ia à escola, e que um dia,

voltando do educandário, encontrou seus pais esquartejados, e, por causa disso, foi embora de sua cidade, indo para o destacamento do Kikote, onde cresceu como o guerrilheiro Makongo Paka, pioneiro revolucionário, em sua base de combate.

O quarto relato é sobre a vida e morte do camarada guerrilheiro Kibiaka, o herói da região. Este guerrilheiro era considerado o parabelo do destacamento, pois enfrentava qualquer missão com coragem e sem reclamar. Para Kibiaka, bater o funji ou aguentar uma emboscada tinha o mesmo valor, e nunca fugia dos combates.

Outra informação importante sobre Kibiaka é que ele conhecia perfeitamente a geografia da selva e também a linguagem da natureza. Segundo Kene Vua, ele se fazia árvore e cantava o canto dos pássaros como se fosse um. Por esse comportamento, os camaradas nunca sabiam se era um pássaro cantando, ou se era Kibiaka. Ele era dono de outra característica importante – o pensamento estratégico –, e esse atributo o auxiliava e enfrentar os *tugas* sem sucumbir. O narrador, após anos sem ter contato com o amigo, soube por outros amigos que o camarada morrera em 1972.

A última narrativa acerca dos personagens guerrilheiros é sobre o Kizzua Kiezabu, o general Kimbalanganza. Neste ponto são relatados os fatos ocorridos em abril de 1961, em que houve um massacre onde muitos homens morreram, e em resposta a este massacre iniciou-se os tempos de milícias. Por fim, ao término das narrativas, Kene Vua declara que “assim, homens, foram guerrilheiros: e assim que ficaram – ossos dispersos”.

O texto é fechado com o capítulo *Nós, a onça*, em que o narrador Kene Vua faz uma avaliação de suas vivências e de seus companheiros por meio da memória de suas ações de resistência à colonização.

Nesta avaliação, o ex-guerrilheiro questiona se o objetivo pelo qual lutavam não era somente um sonho, e, por causa disto, ele se compara e aos irmãos de ação, a uma onça ferida que persegue teimosamente uma trilha, deixando marcas e sangue pelo caminho de combate; uma luta pela terra que sempre foi dos angolanos. Deixa claro que esses companheiros lutaram como onças feridas até chegarem os novos tempos, e que também alguns se

perderam ao percorrer este caminho andando como onças, e outros, em contrapartida, deixaram marcas na história, tal qual onças feridas e teimosas que, enquanto combatem, abrem passagem para os novos tempos.

Importante ressaltar mais uma vez que todas as narrativas contidas em *O Livro dos Guerrilheiros* relatam as ações de uma guerrilha ligadas ao Movimento de Libertação de Angola (MPLA) e como cada personagem as executava. Neste íterim, é descortinado o movimento da natureza, as impressões psicológicas, a opressão por parte do colonizador, os anseios e os objetivos dos movimentos de libertação e também as perdas causadas pelas mortes de seus pares.

3.2 A Luta Pela Descolonização

Luandino Vieira, no *Livro dos Guerrilheiros*, mostra como os guerrilheiros se articulavam ao empreender a luta armada pela descolonização de Angola. Na obra ele apresenta particularidades de alguns membros do grupo de resistência à colonização portuguesa. O narrador, por isso, abre o relato, afirmando que ele e seus companheiros fizeram a revolução. A partir desta informação ele deixa expresso que contará apenas alguns fatos, pois toda a vida de seus irmãos e toda a verdade é difícil de escrever. “Daí que a verdade de suas vidas sempre não é possível de escrever, ainda que desejada; mas, menos ainda, desejada se possível. A gente fizemos a revolução, nossas memórias tem o sangue do tempo” (p. 12).

A memória de um ex-guerrilheiro, agora manifesta, dialoga com os mecanismos de registro dos fatos, ou seja, aquele consignado pela chamada “história oficial” e aquele que passa de “boca em boca”, na forma de “estórias”, de matriz fundamentada na oralidade, como registra-se a seguir: “Se os verdadeiros escritores da nossa terra exigirem a certidão na pauta destas mortes, sempre lhes dou aviso que a verdade não dá se encontro em balcão de cartório notarial ou decreto do governo, cada vez apenas nas estórias que contamos uns nos outros, enquanto esperamos nossa vez na fila de dar baixa de nossas pequenas vidas” (Idem, p. 12).

Antes de avançar as reflexões talvez seja pertinente fazer alguns esclarecimentos acerca do conceito de colonização, pois, se há resistência a ela, na forma de guerra anticolonial, no interior de um processo de descolonização, é necessário, então, entender como se dá a colonização em um país:

Colonização é associada à ocupação de uma terra estrangeira, à sua exploração agrícola, à instalação de colonos. Assim definido o termo colônia, o fenômeno data da época grega. Da mesma forma, fala-se de “imperialismo” ateniense, e depois romano (FERRO,1996, p.17).

O historiador Marc Ferro (1996) declara que a história de colonização realizada por países do ocidente, como França, Portugal e Inglaterra, inicia com a época histórica nomeada de Grandes Descobrimentos, por volta do século15, e que tal interesse vale também para Espanha e Portugal. “A tradição histórica associa a expansão desses países ao descobrimento de terras longínquas nas Índias Ocidentais, e, depois, à instalação de entrepostos ao longo das rotas para a África, para a Índia e para a Ásia” (p.17).

Tendo, então, o conceito de colonização estabelecido conforme o historiador Marc Ferro postula a partir de suas pesquisas históricas, existe um outro modo de colonização talvez um pouco mais agressivo – o imperialismo –, cujos objetivos eram praticamente os mesmos do colonialismo: a expansão territorial, a evangelização, a colonização e a escravização dos povos.

Outra característica atribuída ao imperialismo foi a bulimia territorial, cuja manifestação mais visível constituiu a partilha da África, em 1885-90. Para as potências rivais – França, Alemanha, Inglaterra, Portugal e Bélgica – tratava-se de conseguir, no mapa, o máximo possível de territórios, a fim de prevenir qualquer tentativa de, um dia, o rival(Rússia) apropriar-se deles – nunca se sabe. Foi o que se chamou de “corrida de obstáculos” (FERRO,1996, p. 27).

Sendo assim esclarecidos os conceitos de colonialismo e de imperialismo, será trabalhada a colonização em Angola, como descrito no início deste terceiro Capítulo. Pode-se considerar esta colonização como uma ação com o objetivo de expandir território, obter mão de obra barata e de enriquecimento. A colônia, neste sentido, é objeto da economia política e todo um complexo de ações e de fatos supramencionados ocorre por meio da exploração e da violência física e cultural, na esteira da centralidade da exploração econômica:

A especificidade do colonialismo português assenta, pois, basicamente em razões de economia política – a sua condição semiperiférica –, o que não significa que esta se tenha manifestado apenas no plano econômico. Pelo contrário, manifestou-se igualmente nos planos social, político, jurídico, cultural, no plano das práticas quotidianas de convivência e de sobrevivência, de opressão e de resistência...(SANTOS, 2006, p. 231).

Com todos estes fatos descritos em mente, e sentindo também no corpo o processo exploratório, o colonizado enfrenta o colonizador português por meio de combates, a fim de resistir à colonização que lhe é infligida. Luta com a finalidade de resgatar e transformar sua cultura, sua escola, suas práticas religiosas e sua economia e política. Cabe assinalar que as ações de resistência, tanto da parte do colonizado quanto também da parte de Portugal, tomaram corpo por volta do final da década de 50:

A guerra estava anunciada e o próprio Salazar já se referia a ela em 1959, reconhecendo que “o certo é que vamos ter uma guerra no Ultramar e será uma guerra de guerrilha”. O discurso “luso tropicalista”, doravante oficial, seria o de Portugal como “uma nação compósita euro-africana e euro-asiática [que], estendendo-se por espaços livres ou desaproveitados, pretendeu imprimir aos povos conceitos muito diversos dos que caracterizaram outros tipos de colonização(...). Resistir seria a palavra de ordem do ditador, que nunca abriu uma porta a negociações, e tinha acabado de recusar qualquer liberalização do regime, em 1958 (PINTO, 2001, p.45).

Na narrativa de Luandino aqui em questão –*O livro dos Guerrilheiros*– são registrados, no pórtico da obra, acontecimentos ocorridos em 1971, portanto em plena guerra anticolonial. Tal fato assinala ainda a ação coletiva dos guerrilheiros (“Eu, os guerrilheiros”, como expressa o narrador), e inscreve-se no campo memorial, na forma de lembranças, sucessos e exemplos (conforme p. 9). Na obra, um jornalista pergunta ao guerrilheiro e narrador Diamantino KINHOKA quando havia começado a luta contra o colonialismo. O narrador, então, responde:

– Através de cinco combates. Tinha doze anos, andava na segunda. No Úkua saíram para prender os professores e o pastor, ruscando para S.Tomé. Porque apoiavam que devia ter igreja protestante, a gente tinha nosso culto nas matas. Quando vieram lhes prender reuni todos os colego e lhes emboscámos nos cipaios que lhes levavam nas cordas, a pé, para castigo. O chefe do posto já tinha ido, de carrinha. Na passagem do zaquela, na picada da roça, naquelas pedras penduradas no céu. Matadi a Nzanza, o nome delas. Desconseguíamos de lhes libertar mas minhas pedradas fizeram um zorlho-camões para sempre, o cipai Kindungo, do Piri.

Fugimos nas matas, esse combate fez-me sair da escola. De S. Tomé só voltou o pastor João Manuel. MatuluNgonga e Constantino foram mortos. Quando m'agarraram, meu castigo foi de palmatórias e me mandaram na apanha do café nos Cunhas, dois, seis meses. Disseram que eram, que era uma criança saliente, isto é, um político. Isto foi em 1939 (p. 18).

O narrador segue contando os outros quatro combates que deram início à luta contra o colonialismo, mas, antes de apresentar os outros confrontos, seria pertinente expor o conceito de luta, segundo Amílcar Cabral, intelectual guineense e grande articulador político de ações efetivas contra a colonização de Portugal, em Guiné Bissau, e de outras terras, como Angola:

E o que é Luta? – Luta é uma condição normal de todos os seres do mundo.

Todos estão na luta, todos lutam. Por exemplo, vocês estão sentados em cadeiras, eu estou sentado nesta cadeira, isto é um exemplo: o meu corpo está todo a fazer uma força sobre o soalho, através do banco que está em cima dele, mas se o soalho não tivesse força suficiente para me aguentar, eu ia para baixo, furava o soalho e se debaixo do soalho não houvesse uma força, continuava a furar, e por aí fora (CABRAL,1999,p.7).

Analisando o conceito de luta declarado por Cabral, percebe-se que, para o intelectual, a luta é um estado permanente para o colonizado; é um ato de sobrevivência; é uma obrigação a fim de manter-se constantemente vivo, de manter sua terra viva e, por conseguinte, sua cultura e povo vivos, não permitindo de nenhum modo perecer por causa da dominação do europeu. Para a efetivação deste desejo a luta deve ocorrer no plano da coletividade, ou seja, com o envolvimento direto ou indireto de todo o povo.

O relato prossegue com o segundo combate, que se deu em 1948, quando ele e seus companheiros foram queimar a sacristia da Igreja de Makondo porque o catequista estava importunando a irmã de KINHOKA. Ele fora preso e, como pena, foi trabalhar abrindo estradas. Detalhe importante: ele foi o único a ser preso porque era considerado pelos cipaios como um intelectual, lembrando que o colonizador fechava as escolas dos colonizados, em uma tentativa de sufocar a formação de possíveis articuladores políticos que pudessem insurgir contra o sistema colonial. O terceiro combate foi quando, após a mãe do guerrilheiro ter falecido em 1951, ele fora lavrar uma pequena roça para sobreviver. Foi, entretanto, impedido pelo dono da terra de ter a roça e, então, em uma noite, ele emboscou um dos homens do mandatário dos

terrenos e o amarrou nas tabuletas que indicavam quem era o proprietário. Após isto, ele fugiu para Luanda: foi procurado e o consideravam como um político: “Andaram me procurar nos lados de Ambaca, para lá de Kamabatela, diziam que eu era requerimentista, político” (p.19).

O quarto combate ocorreu na Páscoa de 1959. Ele era marceneiro na oficina do Banco de Angola; sonhava ainda em ter uma roça somente sua, usava nome falso. Na oficina ele fez um copiógrafo clandestino; imprimia alguns textos e distribuía clandestinamente. Certo dia foi despedido sem saber o porquê, e ainda o acusaram de ser amigo de mulatos, assimilados e músicos. Ele, então, conseguiu fugir de Luanda em uma madrugada de fevereiro de 1961, na boleia de um caminhão.

O quinto e último combate foi em abril de 1961. Os angolanos atacaram os brancos que os esperavam em trincheiras. O seu comandante fora baleado, mas gritava Vitória ou Morte! Foi um combate que durou por horas, e venceram de fato. Esvaziaram os armazéns de Luanda e o povo os recebeu com muita alegria. Morreram muitos brancos. Ele termina afirmando que estes foram os combates contra o colonialismo. Obstinavam-se contra o colonizador português porque:

No nosso caso concreto, a luta é o seguinte: os colonialistas portugueses ocuparam a nossa terra, como estrangeiros e, como ocupantes, exerceram uma força sobre a nossa sociedade, sobre o nosso povo. Força que fez com que eles tomassem o nosso destino nas suas mãos, fez com que parassem a nossa história para ficarmos ligados à história de Portugal, como se fôssemos a carroça do comboio de Portugal. E criaram uma série de condições dentro da nossa terra: econômicas, sociais, culturais, etc. (CABRAL, 1999 p. 8).

Todos estes primeiros combates contra a colonização, e o que ela representava para os angolanos, mostram que, desde o início da dominação, o povo sempre resistiu. No princípio por meio de pequenos grupos, mas com o tempo a organização de resistência foi tornando-se robusta, criando uma guerrilha organizada que traçava estratégias e planejava ataques contra o poder colonial.

O ato de contra-atacar a quem impõe a opressão mostrou-se inerente por parte do oprimido. O pensamento era de que a liberdade, sendo um direito do ser humano, assim como a vontade de usufruí-la, fazem parte do

pensamento de um povo, seja ele vivendo um processo de cerceamento ou uma realidade de liberdade política e social. Deste modo, é quase impossível esperar que um grupo que esteja sendo obrigado a abandonar seus direitos não se movimente a lutar para recuperar o que lhe foi retirado:

Aunque la meta-reflexión sobre el giro epistémico des-colonial es de factura reciente, lá práctica epistémica des-colonial surgió “naturalmente” como consecuencia de la formación e implementación de estructuras dedominación, la matriz colonial de poder o la colonialidad del poder, que Anibal Quijano develó hacia finales de los ochentas y sobre la cual continua trabajando. Por lo tanto, no es nada sorprendente que la genealogia del pensamiento des-colonial (esto es, el pensamiento que surge del giro des-colonial) lo encontremos en “la colônia” o el “período colonial” (MIGNOLO; WALSH; LINERA, 2006, p.83).

Outro aspecto da pauta de combate à colonização era o racismo, e a humilhação que o angolano sofria dentro de sua própria terra, sendo relegado às piores situações humanas e sociais já desde a escola. No romance em questão é explícita a afirmação de que todos os angolanos eram livres e, por isso, estruturavam estratégias de rechaço à opressão, à escravidão com outra configuração – eram homens livres, e como sujeitos livres trabalhavam para que suas vozes sejam ouvidas:

– Kibuka kietu, Kia ‘ngo! ... Vamos, camaradas!

– Kana Kibuka! Munona, munona ua ‘ngo!... –

Não aceitei, emendei logo-logo, de atrevida sem licença: que assim é que era nosso grupo, uma munona, não era mais quibuca, palavra enferrujada de escravos ou contratados, mesmo voluntários – da – corda, porque a gente éramos já homens livres (p.103).

O projeto colonial implica igualmente uma certa visão dos povos a ele submetidos (no nosso caso, sobretudo da África e dos Africanos), visão de sujeito a objecto, marcado do mesmo modo pelo nacionalismo, que toma modalidades e aspectos diversos consoante às conjecturas, flutuando entre o etnocentrismo e formas mais ou menos explícitas de racismo(ALEXANDRE, 1995, p.41).

Quanto a estas ações de reafirmação do povo colonizado, por seu lugar na sociedade, em sua própria terra, em seu país, em situação de colonização, Partha Chatterjee explica que isto é uma característica de um Estado Colonial, ou seja, tenta abafar a cidadania do povo local, desconfigurar a cultura, distorcer e retirar os direitos, massacrando o povo e impondo somente deveres. Por outro lado, a imaginação revolucionária, conforme Chatterjee (2000), era acendida, abastecida com lenha de luta no fogo da resistência. Para o

colonizador, o estado Colonial era: “O que Nicholas Dirks chamou de um ‘Estado Etnográfico’. Ali as populações tinham status de sujeitos, não de cidadãos. Obviamente, a dominação colonial não reconhecia a soberania popular” (CHATTERJEE, 2005, p.110).

Grosfoguel (2010) amplia ainda o conceito de racismo mediante estudos acerca das pesquisas de Boaventura de Sousa Santos, que foca na questão da cor da pele, e essa questão é a que os personagens de *O Livro dos Guerrilheiros* mais combatem, além das outras já aqui mencionadas:

El racismo puede marcarse por color, etnicidade, lengua, cultura o religión. Aunque el racismo de color há sido prodominante en muchas partes del mundo, no es la forma única y exclusiva de racismo. En muchas ocasiones confundimos la forma particular de marcar el racismo en una región del mundo con la forma universal exclusiva de definición del racismo (GROSFOGUEL, 2010, p.98).

O desejo dos guerrilheiros, portanto, era acelerar as mudanças em Angola, e também ver prevalecer a verdadeira justiça. Por isso, tinham essa responsabilidade bem-marcada dentro de si, mesmo que tivessem de perecer em nome da libertação do país:

Se a morte do homem que, cansado de humilhação, envereda pelo caminho certo, pode acelerar a mudança de uma justiça velha e injusta para uma justiça nova mas justa, então, aqui, neste livro e devida vénia, tenho de falar vida e morte e fama do camarada Kibiaka, herói da nossa região (p.41).

Para tanto, uniam-se cada vez mais em nome de um objetivo maior: a liberdade política, social e cultural de seu país. Para isso, além da ação bélica, valorizavam a escola, o ensino intelectual, mesmo dentro da mata, nos acampamentos, e orientavam suas crianças dentro destes preceitos de resistência e também de solidariedade. “Escolas? – Sempre. Nas matas tem sempre escola. Cartilhas, professores. Recebem galinha no povo, pagamento. Mesmo exame tem” (p.22).

A partir desta estrutura relatada pelo narrador podiam articular frentes de guerrilha a fim de combater de fato a colonização, o racismo, o assujeitamento, e a cassação da cidadania do povo. Os guerrilheiros agiam, assim, com o intuito de conscientizar cada colonizado dos seus direitos e do dever de lutar pelos seus e por Angola. Cada ato de luta, portanto, era um ato político:

Devemos melhorar o nosso trabalho político. Devemos organizar cada vez melhor as nossas Forças Armadas, e fazê-las agir cada vez mais intensivamente; reforçar e consolidar cada dia mais as nossas regiões libertadas; orientar cada vez melhor a nossa gente em todos os planos das suas atividades e orientar bem os nossos estudantes, os nossos quadros em formação; agir cada vez com mais eficácia, com mais consciência e melhores resultados no plano exterior, nas nossas relações com a África e com o mundo em geral (CABRAL, 1999 p. 54).

Os guerrilheiros, como visto neste texto, não tinham somente o pensamento de luta armada; ao contrário, traçavam metas de alcance de seu projeto de descolonização política, mas, também, o projeto contemplava a liberdade cultural, econômica, social e cultural. Não planejavam estar em seu próprio país, na sua terra, apenas como sujeitos, mas almejavam usufruir de seu direito de cidadão pleno e todos os encargos que isto poderia acarretar. Desse modo, lançavam mão de todos os instrumentos e estratégias que conheciam, afinal, muitos não eram somente guerrilheiros, mas intelectuais.

3.3 A Escrita de Resistência de Luandino Vieira

Neste momento será abordado o projeto de engajamento do escritor José Luandino Vieira, autor das narrativas aqui abordadas. O escritor esteve preso em 1959 por ter sido acusado pela PIDE—órgão de repressão do governo português – de envolvimento com grupos que queriam a independência de Angola. É neste contexto conturbado politicamente no início dos anos 60, que ele escreve a primeira narrativa que constitui as reflexões deste texto, e é também por causa deste contexto que Luandino escreve *O Livro dos Guerrilheiros*, quase cinquenta anos depois, como uma escrita de memória e avaliação dos atos de enfrentamento à colonização durante as investidas de resistência.

Meses depois da circulação do livro *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, uma vez que a publicação somente ocorreu em 1971, em Paris – o autor volta a ser preso e é condenado a 14 anos de prisão, pena a ser cumprida no Tarrafal, em Cabo Verde. É importante ressaltar acerca da trajetória de Luandino, que o seu engajamento político, enquanto intelectual

atuante na vida social angolana da época, era de uma posição marcada contra a opressão do regime colonialista português, sob o jugo do seu líder Antônio de Oliveira Salazar. O governo ditatorial se estenderia até 1974, quando houve a Revolução dos Cravos, em Portugal. A independência de Angola somente aconteceria no ano seguinte, em 11 de novembro de 1975.

Em virtude, então, dos fatos narrados aqui sobre a posição de escritor engajado, é feita uma discussão em relação a isso, mais precisamente em *O Livro dos Guerrilheiros*, apontando para uma possível atitude de revisão de sua própria obra por parte do escritor. Há, conseqüentemente, uma análise do modo como Luandino lida com as questões relativas às ações de resistência organizadas pela guerrilha em suas “narrativas”. Tais ações de resistência são motivadas, obviamente, pela situação de colonização em que os angolanos viviam. Estas decisões culturais, políticas e sociais da colônia oprimiam e assujeitavam o povo angolano, em uma tentativa de anular seus direitos e seu valor humano.

A ideologia do colonizador procurou sempre inculcar no imaginário do colonizado, como forma de justificativa da colonização, a concepção de que o povo colonizado era um povo de marginais, sem cultura e história, e que por esse motivo podia ser tratado com violência. Homi K. Bhabha explica com propriedade o modelo e o objetivo deste tipo de ideologia expresso pelo discurso do colonizador: “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos de degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p.111). A narrativa acerca da vida e atuação do guerrilheiro Eme Makongo deixa entrever o modelo de ensino utilizado pelos portugueses e a autoridade expressa com a intenção de assimilar, mas revelando a “superioridade” da língua do colonizador:

E a escola ficava lá em cima, no morro; nossa senzala, aos pés do rio, para chegar no bê-á-bá sempre era subir. Nossa mãe nos via entrar na sombra da casa-sede da roça, ouvia o sino de ferro, saía na tonga. Eu sempre descia no final da tarde, as orelhas cheias de porrada, quatro vergonhas dentro das mãos inchadas nos bolsos: pronúncia, que a professora queria desarrendondar com seus dedos estragando minha boca, aquele cheiro d’alho-e-louro nas unhas; meus quedes velhos cheirando a fumo de lavar e secar, todos os dias tinham de sair limpos do pó da picada; a bata, curta, quase meia manga, recebida de favor no filho do gerente, caridoso de merda (p.31).

Apesar, no entanto, da visão do europeu em relação ao africano colonizado, mais precisamente do angolano colonizado, este tem ciência de sua cultura, de seu valor e de sua história, e sabe também que é sujeito dessa história. O angolano tem conhecimento de que é um indivíduo e que faz parte de um grupo coletivo e que, por isso, luta por esse grupo e pela consciência espiritual e social. Então, lança mão de instrumentos que o auxiliam a alcançar o fim que almeja, e um desses instrumentos é a cultura:

Verificou-se que a cultura é a verdadeira base do movimento de libertação, e que as únicas sociedades que podem mobilizar-se, organizar-se e lutar contra o domínio estrangeiro são as que preservam a sua cultura. Esta, quaisquer que sejam as características ideológicas ou idealistas da sua expressão, é um elemento essencial do processo histórico. É nela que reside a capacidade (ou a responsabilidade) de elaborar ou de fecundar elementos que assegurem a continuidade da história e terminem, ao mesmo tempo, as possibilidades de progresso ou regressão da sociedade (CABRAL, 1999, p. 140).

Tendo em mente o fato de tomar para si a responsabilidade de alavancar a afirmação da nação para os angolanos e se desvencilhar da colônia e de tudo que isto implica, Luandino usa a literatura e a sua escrita para este fim. Ele tem o caráter de um escritor engajado em razão da realidade que se apresenta a ele, e também pela força cultural e histórica de sua gente, chamando a sua atenção para o problema que seu povo sofre, de estar colonizado pelo branco europeu. O escritor angolano discute todos estes fatos apresentados, por isso toma para si a responsabilidade de reação, deixando claro, deste modo, que a história deste povo deve ser contada por um membro ou por um grupo integrante deste mesmo povo, e não por quem está fora ou por quem inflige tormentos nestes grupos:

Se é fato que a literatura de Luandino é forjada a partir de uma clara indignação diante da realidade a que está submetida a maioria dos angolanos, também é verdade que a maneira como ele se posicionou pessoalmente diante do processo de construção da história de seu país é, em certa medida, perceptível na fatura dos próprios textos. Assim, não são apenas os momentos históricos vividos em Angola em meados do século passado que vão transparecer nas narrativas do escritor. Mais do que isso, a subjetividade de quem vivenciou essa História será significativa nas constituições das obras: tensão entre a vida particular e a vida social se dá a ação e a reflexão do autor (MARTIN, 2006, p.212).

Pensando no momento histórico, citado pela teórica supra, percebe-se que o escritor toma para si o dever de apresentá-la e o faz por meio do narrador de *O Livro dos Guerrilheiros*, deixando claro de quem é o dever de contar a história das investidas da guerrilha. Em busca da libertação colonial, ele declara que este dever é de quem projeta a vontade de ver a sua terra descolonizada e de quem fez a guerrilha:

Escrevo assim, porque na terra que nos nasceu, muitos séculos e tradição e lutas dão de gerar grande conformidade entre nosso entendimento das coisas e as próprias coisas dela, sejam vivas sejam mortas. Então, tendo que contar essas algumas coisas nossas, ou por gabo ou por maldizença, nunca lhes poderia diretamente contar. Porque, se dou gabo, sempre tem quem vai duvidar que foi mais do que poderia ser; se dou maldizer, sendo eu próprio ex-guerrilheiro, que são invejas do feito e vivido nos outros alheios (p. 11-12).

Por este motivo, é legítimo que a história seja contada por quem fez essa história, por quem era testemunha ocular das ações de enfrentamento ao europeu, mesmo correndo o risco de ser desacreditado pelo envolvimento físico, moral, ideológico nestes combates anticoloniais, em virtude do fato de que somente o registro documental não basta e não abarca a totalidade dos fatos vividos pelos combatentes angolanos. É lógico, contudo, para o combatente, que o relato de quem foi participante ativo dos fatos, para os ativistas, sobrepõe o registro documental. “De modo que, em resumo, a complexidade de sua narrativa pode ser justificada como consequência do vínculo entre sua obra e a própria realidade histórica, para a qual a mesma está voltada” (MADRUGA, 1984, p.161). Isto pode ser confirmado com as palavras do narrador:

A gente fizemos a revolução, nossas memórias têm o sangue do tempo. Se os verdadeiros escritores da nossa terra exigirem a certidão da história na pauta destas mortes, sempre lhes dou aviso que a verdade não dá se encontro balcão de cartório notarial ou decreto do governo, cada vez apenas nas estórias que contamos uns nos outros, enquanto esperamos nossa vez na fila de dar baixa de nossas vidas (p. 12).

A fim de compreender a lógica do escritor em relatar a sua experiência e de seus irmãos de aversão à colonização, então, é necessário entender que a escrita de Luandino é a de resistência, pelo seu engajamento político como já abordado anteriormente. O escritor, com seu estilo literário, aponta ao leitor a função que a literatura tem para ele, tendo em vista o momento histórico pelo

qual o seu país passou e os desdobramentos destes momentos atualmente. “A literatura, noutras palavras, é apresentada polo crítico como um campo de batalha” (HARLOW,1993, p.28).

O conceito de Literatura de resistência surgiu com o escritor palestino Kanafani, no final da década de 60, como esclarecido anteriormente no segundo Capítulo desta Dissertação. Importante esclarecer o objetivo deste estilo de escrita, pois é uma escrita com ênfase em uma postura política que enseja mudanças desta ordem e de um determinado momento histórico pelo qual esteja passando um povo. Tendo, então, esta postura clara, a teórica Bárbara Harlow argumenta sobre essa importância, e, por fim, conceitua esta literatura da seguinte forma: “A literatura de resistência chama atención sobre si mesma, e sobre a literatura en xeral, como unha atividade política e politizada. A literatura de resistencia vese ademais envolta nunha loita contra as formas dominantes da produción cultural e ideolóxica” (HARLOW,1993, p. 58).

O narrador de *O Livro dos Guerrilheiros* corrobora este conceito acerca desta literatura no momento em que ele deixa claro qual é o seu papel na narrativa, qual é a atribuição que cabe a ele ao relatar as ações da guerrilha em um momento de gravidade social que chegava à instância do rechaço contra a colonização. Para tanto, emprega como instrumento o relato com um tom poético; uma espécie de canto ao guerrilheiro; a literatura, a escrita, engajada com um viés político:

Cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida e morte e luta, o dos cinco combates. Mas quero depois esquecer tudo, não vou de reinventar a verdade. Tem documentos, papéis passados e guardados, recebidos nas mãos de um jornalista, um mulato oxigenado de sotaque português, na estrada naqueles dias ímpios de 75, quando nossa pátria, acantonada num quintal, era só de bandeira e hino (p.13).

Um ponto importante acerca da literatura de resistência é que, mesmo ela tendo sido cunhada dentro de um momento histórico específico – Palestina ocupada nos anos de 60 –, esta se alarga para além deste ponto político específico, e atinge também outros países em diferentes tempos que estivessem ou estejam enfrentando situações de luta pela liberação de suas nações; países não apenas do Oriente Médio, mas da África, como Angola e ainda países da América Latina. Ciente disto, aclara-se, então, o uso da escrita de resistência de Luandino Vieira:

Ghassan Kanafani, ao referir-se à literatura palestina como “literatura de resistência”, está a escrever dentro dun contexto histórico determinado, un contexto que pode situarse moi axina dentro das loitas de liberación nacional contemporâneas e movementos de resistência em contra da dominación imperialista occidental de África, América Central e Sudamérica, eo Médio Oriente e Extremo Oriente. A mesma inmediatez e especificidade do contexto histórico revelan, non obstante, o amplo papel que han de xogar a literatura de resistencia en particular, mais xeralmente o que ven a conocerse como “literatura do Terceiro Mundo” (HARLOW, 1993, p. 30).

Considera-se o sentido da literatura de resistência como uma literatura que objetiva apresentar uma linguagem em comum na luta ante o colonialismo, ou seja, clareza de que praticamente todos os povos colonizados devem ser donos de sua própria história, o que significa, portanto, ser senhor de seu território e de sua identidade e, por isso, lutam contra as colonizações em seus territórios. Logo, compreende-se o intento do escritor do romance em análise, ao colocar dentro de sua narrativa um capítulo em que exalta o valor histórico e de combate do mexicano e revolucionário Emiliano Zapata, conhecido como o Caudilho do Sul:

Zapata, primeiro nome de Emiliano. Era um centauro, o que quer dizer um revolucionário mexicano. (...) E, assim, estando ele mesmo numa funaissada de homens em acampamento ou reboliço de frente – marcha, em lugar qualquer, sol ou chuva, posto que conhecido não fosse, logo – logo todos o julgavam por aquilo que era: comandante-em-chefe dos outros (p.55).

Esta “explicação de Zapata”, que no texto de Luandino aparece registrada em itálico, integra o capítulo referente aos guerrilheiros Ferrujado e Kadisu, que faziam questão de serem chamados de Zapata, e lista aqueles elementos centrais no quadro formador de uma nação, como os mortos, as tradições, os costumes, etc.:

Porque se você não tem a terra dos teus antepassados, tuas tradições e usos dos costumes, se não moram contigo espíritos guias e tutelares, como é podes mandar em ti mesmo, não ser escravo das ordens alheias dos homens teus iguais ou das desordens do destino? A terra, essa é de sempre; e és tu quem pode dizer sim, falar não. Para mandar em si mesmo, e as sanzalas e os quimbos mandarem em si mesmo, os sobados mandarem em si mesmo, os angolanos mandarem em si mesmos.... (p.56).

Alargando as informações sobre este dois guerrilheiros – Ferrujado e Kadisu–, o narrador informa que eles viviam juntos, pensavam em conjunto, assim como agiam, era uma amizade que os faziam um só sujeito, com um só

intento, e se responsabilizavam pelos seus atos juntos. Certamente este comportamento uno demonstra, de modo contundente, que os sentimentos de solidariedade e coletividade norteavam seus passos:

E estes eram os camaradas que sempre queriam estar juntos, numa amizade lá muito deles mesmos.

De pé; em formatura de bandeira ou revista; sentados, sem tarefa ou em missão, descanso ou comida; em emboscada, lado a lado; deitados, no sono.

Sonhavam juntos. Viviam assim, conjuntados. Tudo se repetiam, mesmo nódoa de seu simples pingo de café. E queriam se chamar de um só nome de guerrilheiro: Zapata. Porquê, só mesmo nosso comandante Ndiki Ndia podia saber.

E tanto faz é ele, comandante; ou, ainda, o camarada monitor político e mesmo o chefe das operações, se, distraídos, chamavam:

– Guerrilheiro Kadisu?! ...

Ou:

– Camarada Ferrujado?!...

Eles se olhavam um no outro, olhavam nos outros, os outros – nós! – neles e o vento ficava-se a ouvir levar voz e eco dos camaradas responsáveis. Nosso comandante, o camarada Ndiki Ndia, descoria então de seu bigodinho, berrava voz de ordem:

– Guerrilheiro Zapata! (p.62).

O fato de citar o valor do guerrilheiro mexicano mostra o quanto o colonizado procurava robustecer o seu intento de libertação de sua condição, e para tanto buscava ancoragem em outros movimentos sociais cuja realidade se apresentava semelhante à realidade de Angola naquele momento. Deste modo, os guerrilheiros do MPLA poderiam se constituir um movimento político legítimo, posto que planejavam suas ações a partir de fatos embasados na legitimidade de reivindicarem seus direitos de cidadãos angolanos que possuíam condições políticas e intelectuais para lutar pela sua cultura e sua individualidade, e o instrumento que vislumbravam para isto naquele momento era a guerrilha:

Torna-se evidente que as práticas intoleráveis do colonialismo e a repressão tiveram como resposta da sociedade civil a criação de movimentos culturais constituído por pessoas que partilhavam da necessidade de mudança daquele status quo. Estes movimentos culturais sedimentaram as bases para o surgimento de verdadeiros movimentos políticos, de cuja inspiração surgiu em 1956, em pleno século XX, O MPLA, tendo-se convertido num movimento de libertação nacional, devidamente estruturado, com capacidade de organizar guerrilhas com a finalidade expressa de derrubar o colonialismo e tomar o poder político (NEHONE, 2002, p.4).

Ainda analisando este capítulo da narrativa intitulado ZAPATA: MELHOR DIZENDO: FERRUJADO E KADISU, há uma menção à rainha Jinga no episódio em que Kadisu está lendo a cartilha Centro de Instrução Revolucionária (CIR), quando ele leu a seguinte pergunta: *Quem foi a rainha Jinga?* Então, fechando a cartilha, ele mesmo responde quem foi esta rainha. Certamente a menção à rainha tenha o propósito de mostrar que Angola tinha, em sua História, uma tradição de resistência, e, obviamente, uma História anterior à colonização portuguesa:

«Quem foi a rainha Jinga»? – e a pergunta virava logo – logo resposta dele mesmo, de cor, resposta de cartilha fechada: ... «fez a unidade dos povos de Angola, se aliou mesmo com os flamengos para lutar contra o colonialismo português. Lutou toda a sua vida de 100 anos até a hora da morte.» Nosso camarada Ferrujado, na caladéz dele, sempre não desmentia pergunta – e – resposta; corrigia só, quase medroso de sua analfabete: «Nzinga» Sorria, o outro guardava a cartilha no sacador. «Não é Jinga»... É Nzinga mbande a ngola kilianji Kia Samba». Calava, parecia silêncio de pedir desculpas, autocrítica (p.67).

Para os intelectuais da guerrilha, entretanto, existia um outro instrumento de luta – a literatura–, como já abordado anteriormente. Por intermédio da literatura, o escritor demonstra a necessidade de contar a sua história, e faz isso, é claro, por sua escrita, expressando nela todo o sentimento de opressão e, ao mesmo tempo, pode publicizar⁵ todo o planejamento destes movimentos, conscientizando, deste modo, seu povo, aquele número pequeno de letrados, e ainda os próprios companheiros de luta, e talvez poderá ver sua escrita ultrapassando outras fronteiras e grupos sociais, assim como a luta do mexicano Zapata ultrapassou:

O escritor é um homem que vive a sua época e, como tal, não pode furtar-se de assumir as posições que melhor traduzem o lugar social que ocupa, ou a motivação política ou ideológica que imprima à sua própria existência, isto é, o sentido que outorga à sua vida. Entendemos que a fidelidade do intelectual a uma determinada formação política ou social não deve significar a castração da sua liberdade para analisar de modo independente (isto é, de acordo com a sua maior ou menor capacidade de juízo) a realidade que lhe rodeia (NEHONE, 2002, p.11).

⁵ A Unesco distinguiu recentemente (1988) o Centro Nacional de Alfabetização de Angola com um prêmio internacional de alfabetização por aquele organismo ter alfabetizado 6,5 milhões de pessoas. Este número corresponderá sensivelmente a dois terços ou três quartos da população total. Perante estes números, a taxa de analfabetismo em Angola deve rondar atualmente os 40% a 30%. É um número baixo para o Terceiro Mundo. (VENÂNCIO, 1992).

Outro aspecto relevante acerca da escrita e do poder político e social do escritor, que está envolvido diretamente com as causas de seu povo, e, no caso em questão, envolvido na guerrilha e no intento de descolonização, é a questão da identidade e da língua.

Este intelectual chamava para si o encargo de fazer a ponte entre o povo e o cuidado intenso pela sua cultura. Desse modo, resistiam em vários aspectos à colonização que cindia, de vários modos, as também várias expressões culturais e identitárias dos povos colonizados:

Face à diversidade étnica e lingüística dos povos que então habitavam o espaço geográfico ocupado pelos colonialistas portugueses, à violência e velocidade que estes imprimiram ao próprio processo de colonização, provocando sensíveis fracturas sociais, económicas, políticas e religiosas, coube aos escritores e jornalistas, enquanto representantes da elite intelectual da época fazer através da palavra literária a ponte que salvaguardasse a identidade de destinos e a noção de pertença a uma mesma geografia e a uma mesma comunidade (NEHONE, 2002, p.5).

Afim de discutir um pouco mais acerca do significado de o escritor fazer a ponte entre o povo e a cultura, pode-se entender que isto leva também ao fato de que o escritor é uma espécie de documentarista do cotidiano de seus pares, periodista da guerrilha, ponte entre o povo e o movimento de descolonização e também um instrumento intelectualizado com o papel de reafirmar a cultura e o aspecto lingüístico deste povo, reafirmando e preenchendo as lacunas de seus costumes. Uma das maneiras de preencher estas lacunas é fazendo uso também da língua do colonizador. Este escritor faz isso deste modo:

Reconstruindo fielmente o universo estético-cultural dos que aí habitavam, confrontados com uma situação de dualismo cultural e lingüístico, mas que não deixavam de apresentar uma certa estabilidade na apropriação do idioma e valores culturais (VENÂNCIO, 1992, p.22).

A obra de Luandino Vieira tece essa reconstrução e constrói esta ponte constantemente nos entremeios de sua escrita, pois, afinal, é assim que se age um intelectual que tem bem claro qual o seu papel social. A escrita de *O Livro dos Guerrilheiros* segue esta lógica:

EME MAKONGO, MAU PÁSSARO, O MAU – DOS – MAUS.
Não foi para isto que fomos nascidos, chorar, sozinhos, óbito de nossos mortos.

Xinguilo, então, quem nunca me abandona: meu avô Kinhoca Nzali, o bravo dos pés descalços, o eterno peregrino com o seu chefe Kazungongo por morros, guerras e fogopes. Que vem cantando:

Tenda rialozo, etutua muadiê 'Zuangongo!

'Zuangongo utubula o ngênji

O ngêngui iadinenena matuji...(p. 27).

E ainda,

Só ele, muito analfabeto, é quem pode subir, adiantar me explicar se como era um pássaro que vira criança, que vira pássaro. Assim:

– Eme nngatelete Kamona Ka Kanjila Makongo, uia Ku mabia, uia Ku xikola. Kioso uia ku xikola, uasange kibolongo. Kibolongo uxi: Uandala 'nhi?.....

Meu pai Kimonga Paka, iria dereclamar: quam que foi amigo – de – escola com nosso quilamba Agostinho Neto quer traduzir tudo, prudente:

– Era uma vez um menino de mau coração chamado Makongo. Ia para a escola Encontrou uma bicicleta... (p. 28).

Analisando os excertos anteriores, percebe-se a intenção do autor e seu papel, posto que ele tem clareza da importância da literatura que produz e a usa de modo estratégico a fim de chegar ao objetivo da luta – a descolonização por meio da voz do guerrilheiro, ou seja, a voz do colonizado –, valorizando sua língua e cultura, e tendo ciência de que a língua também se presta para ser um instrumento de luta. O autor tece essa trama dentro das estratégias de abertura de caminhos de resistência, caminhos que a Literatura de Resistência pode abrir e que proporciona:

Acesso á história por parte daquelas pessoas às que historicamente lles foi negado un papel activo na escena da política mundial: o problema do térreo atacado, xa cultural, xeografico ou político; e a transformación sócio-política desde unha xenealogia de "filiación" baseada em lazos de parentela, etnia, raza, ou relixión ata unha orde secular de "afiliación". Tal assunto debe procurar unha reconstrución da história das relacións de poder entre aquelas rexións que foron de diversos xeitos designados como Primeiro e Terceiro Mundo, metrópole e periferia, etc., de tal xeito que reaxuste, tanto no nível cultural como no político e o económico a natureza exploradora e repressiva dessas relacións (HARLOW, 1993, p.50).

Ademais, toda esta reconstrução realizada por meio da literatura, da escrita – o relato das ações da guerrilha –, possui um *status* de reavaliação do movimento de libertação pela memória. O personagem-narrador, Kene Vua, resgata os combates de seu grupo de guerrilheiros, empreendendo um balanço do passado sobre as experiências vividas na luta. Assim, estamos diante de testemunhos das conquistas, das derrotas, das dores e, principalmente, da

explicação do objetivo principal da luta, a descolonização de Angola. Neste balanço memorialista, o guerrilheiro questiona se o objetivo pelo qual lutavam, ele e seus companheiros, não era somente um sonho:

Quando, as vezes, ponho diante de meus olhos aos grandes erros e tribulações, aos muitos sofrimentos que por nós passaram e vejo a figura de tantas vidas, e não menos mortes, no livro da nossa luta, pergunto saber: vivem, nossos mortos, se vivos os vejo em meus sonhos? E se duvido mais, sendo eu mesmo ex-guerrilheiro Kene Vua, é porque essa nossa luta de libertação estava assim como um sonho – sonho onde que nos sonharam todos no sonho de cada qual. Sonho nosso era de uma onça ferida, perseguindo teimosamente seu trilho de muitos séculos, por matas e morros demarcados a sangue e luta. Uma onça orgulhosa de seu território, suas jimbumbas de caça; e nós, barrigas nuas e vazias, simples pintas só de sua pele mosqueada (p. 97).

As experiências, no entanto, existiram e precisam ser preservadas, discutidas, avaliadas e registradas não somente no livro da memória, mas indo além, por meio de um levantamento dos fatos vividos por estes guerrilheiros e pelo povo, fatos que talvez nunca fossem contados nos livros oficiais que relatam os acontecimentos históricos dessa gente. Mesmo não aparecendo oficialmente, ainda assim, aconteceram e estão registrados na História de cada angolano:

Evidencia-se aqui a luta, no campo da memória, pela preservação de uma determinada versão dos fatos, que lhe proporciona um diferencial e da qual ele assume o posto de guarda. A autobiografia permite-lhe transitar pelo passado e este será absorvido e narrado de forma a legitimar o seu espaço político – social no presente (BITTENCOURT, 2000, p. 9).

Se, entretanto, a História oficial não conta os acontecimentos da periferia, onde havia espaço para aqueles que fizeram a História do mesmo modo que a elite, a literatura, então, assume este papel de narrar os acontecimentos vários que emolduram os ditos “acontecimentos centrais”. A literatura angolana tem esta característica. Persequindo esta linhagem, constrói este objetivo de modo muito perspicaz e inventivo, apresentando um estilo peculiar, o combate:

A literatura angolana introduz o espírito de combatividade, a defesa duma utopia, que tanto irá marcar a literatura angolana, inserindo-a com isso, com essa característica, entre as literaturas africanas mais originais, fazendo-a cumprir o principal do realismo africano. O seu discurso torna-se assim o prenúncio daqueles textos, cuja intencionalidade primeira será a reivindicação dum estatuto nacional, no que Angola, sociologicamente falando, toma a primazia em relação à restantes colónias (VENÂNCIO, 1992, p.20).

O espírito combativo da literatura angolana dá porque os escritores foram levados a produzir uma escrita política, e, por isso conviviam com um espaço que variava entre o confronto linguístico, colonizado e colonizador, e também o confronto cultural. Deste modo, procuravam um espaço de expressão que pudesse dar voz à periferia, mediando, assim, o relacionamento com as elites urbanas e coloniais. Com isto em mente, os escritores assumiram uma postura política em sua escrita:

Escritores e poetas desses países se viram desde o princípio confrontados com um dualismo cultural e linguístico que os impulsionou – mesmo contando com a experiência modernista da «geração de 50» – a reivindicarem uma utopia, um espaço de entendimento entre eles, entre as elites urbanas e as populações das sociedades periféricas. Desta forma foram levados a cumprir o percurso das outras elites africanas. Isto é: foram obrigados a recorrer-se do poder político, contestando-o antes das independências, defendendo-o depois contra o abuso de entendimento desejado. Isto fez com que essas literaturas se tornassem fundamentalmente políticas (VENÂNCIO, 1992, p.59).

Sendo assim, tendo a política como base, a literatura angolana destacava-se das outras literaturas lusófonas até há pouco tempo, em virtude também da originalidade e repetição e pela qualidade. Esse *status* de destaque se consolidou em razão da escrita de reivindicação, de combate, de análise dos problemas sociais e culturais dos quais o povo angolano sofria sendo colonizado por Portugal:

A literatura angolana, todavia, tem-se destacado das restantes, daquelas cujo processo de formação foi idêntico ao seu, pela originalidade e pela repetição de formas, qualidades que, pelo menos, até 1987 disputara apenas com a cabo-verdiana. A revelação de Mia Couto, Panguana e Muianga, contistas que entroncam a sua experiência na de Honwana, poderá vir a alterar esta situação. Não é ainda o caso.

A explicação da primazia de Angola encontramos-la no facto de aí ter preexistido ao acto da escritura reivindicativo uma sociedade culturalmente crioula a exprimir-se num português com interferências (VENÂNCIO, 1992, p.59).

O escritor, sabedor da primazia da literatura que produz, então, fecha a narrativa com uma fala de Kene Vua, que aponta para uma espécie de balanço dos atos de seu grupo de combate. O personagem, neste balanço, demonstra uma certa nostalgia misturada com orgulho e certeza do valor existente no que os guerrilheiros realizaram. Existe, também, um certo ressentimento de que os combates, o ideal pelo qual lutavam, possam ter caído no esquecimento, sendo apagados pelo tempo:

Agora sim, posso apagar meu desenho, final.
 E, por isso mesmo, fechar meus olhos, dormir, esquecer – quem sabe? – morrer.
 Assim foi que fomos homens: guerrilheiros:
 Assim foi que ficámos – ossos dispersos (p.106).

O escritor, entretanto, ao mesmo tempo em que demonstra esta melancolia e o receio de terem lutado por seu país, que talvez não tenha entendido o valor da liberdade, e, por isso, talvez, deixe o tempo apagar os rastros desse ideal, também aponta um caminho para a esperança de um futuro que tenha consciência de quem o construiu. Entende, então, a responsabilidade de fortificar esta nova fase, em que ambos períodos, ambas margens, têm a incumbência de edificar o país, com novas políticas e novas lutas, tendo em mente que nada e ninguém podem impedir o avanço do tempo e das novas gerações:

Uma criança, da margem dos ximbicadores, viu uma criança igual, da margem dos construtores.
 E desobedecendo a quijilas, proibições e surras de seus mais velhos, nadou para o meio do rio; e a outra criança igual, da margem dos construtores, pôs-se a falar com ela e se meteu a nadar até se darem encontro. Na futura margem do rio. Perceberam então, todos os seus mais-velhos, que era chegado o tempo da coragem. E se levantou aí, numa manhã, esse tempo novo, uma nova idade na nossa terra (p. 100).

Importante ressaltar que este balanço memorialístico apresentado na narrativa de Luandino dá ainda à literatura um *status* de documento histórico e científico, posto que, segundo declara o historiador Marcelo Bittencourt em relação aos documentos e pesquisas no campo da História em Angola, existe uma dificuldade em fazer uma pesquisa mais profunda sobre a colonização e os movimentos de libertação neste país. “A carência de trabalhos que trilhem perspectivas diferentes das linhas de análise tradicionais é agravada pelas dificuldades em realizar pesquisas na área da história contemporânea de Angola” (BITTENCOURT, 1999, p.5).

Deste modo, a literatura produzida em Angola e em outros países africanos, e aqui especificamente produzida por Luandino Vieira, assume um papel não somente de escrita de ficção, mas também de documento histórico. Neste último caso, mostra claramente a preocupação desta literatura em afirmar e divulgar as ações de um povo que luta por seus direitos e pelo seu país:

Neste terreno da Literatura é bom que se diga que a associação com a História assume uma complexidade das mais interessantes. Não é novidade e especificidade angolana tal aproximação entre dois campos. Porém, no caso em questão, a literatura ao se debruçar sobre os temas históricos acaba por assumir uma perspectiva diferenciada (BITTENCOURT, 1999, p. 5).

O historiador Bittencourt ainda amplia a questão do porquê de a literatura ter um aspecto histórico de fato, tendo em vista que é pela literatura que o escritor encontra um meio de falar de sua gente, contar suas lutas, anseios, projetos para os seus e para ele mesmo, e com isso, assume o papel de divulgador dos ideais deste povo, em que o desejo e a luta pela descolonização de sua terra é evidente:

De fato a literatura angolana tradicionalmente acompanhou – pode-se dizer que foi parceira – as aspirações independentistas dos angolanos. Desde fins do século passado, os jornais editados na colônia serviram de palco de discussões políticas entre os angolenses, em face das arbitrariedades do crescente colonialismo português. Todavia, ao lado desta tribuna, podemos observar a proliferação de pequenas obras literárias que tinham como tema realçar as especificidades da terra angolana. Com o passar dos anos e a intensificação da repressão colonial salazarista, o papel da literatura como amplificadora dos questionamentos coloniais passou a ser dividido em maior escala com a música, o teatro e outras manifestações culturais. Numa tentativa de driblar as atenções da repressão. Portanto, muito da importância da literatura na sociedade angolana se deve à sua projeção como um local de acolhimento e divulgação dos anseios de revolta contra o colonialismo português (BITTENCOURT, 1999, p. 5).

Analisando as constatações supra, consegue-se entender o valor da literatura para os movimentos de libertação em Angola, e também em outros países da África. O fato é que estas escritas possuem um valor histórico e científico que se conserva fortemente ainda hoje, haja vista que a literatura produzida por Luandino e outros escritores engajados, produtores de uma Literatura de Resistência, redige praticamente documentos passíveis de entendimento dos acontecimentos históricos em Angola.

A ficção, neste caso, abre ensejo para a realidade que os guerrilheiros, especificamente, experienciaram no que diz respeito à articulação de criação da guerrilha, seus combates, suas perdas, suas vitórias, a vivência dos guerrilheiros entre si e o relacionamento com outros angolanos, enfim, a tentativa de reconstrução política e social do país e, principalmente, a luta para a sua cultura não ser dilacerada. Nesta linha, vemos marcadamente a visão

sobre a função da literatura na escrita de Luandino Vieira, uma função social, dialógica, com ações que se pautam no coletivo. Dessa forma, o escritor faz uma construção de sua sociedade de modo a alcançar o mais justo, e o faz intercambiando a ficção com a realidade de sua gente. Esse modo de escrita é observado por Antonio Candido que esclarece esse ponto quando afirma que: “O literário constrói o social e, dessa maneira, percebermos a formalização do conteúdo sob outro ponto de vista, fundindo texto e contexto numa interpretação dialética íntegra” (CANDIDO, 1985, p. 4).

Com tudo isto em mente, Luandino, em *O Livro dos Guerrilheiros*, retoma e reapresenta seu projeto de libertação por meio de sua narrativa e memória, esta como um aparelho ideológico e de combate, na tentativa de reavaliar a luta do passado, no tempo presente e, por fim, analisar os reflexos dessas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o percurso desta Dissertação, é patente ressaltar que no texto de Luandino *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, ainda, *O Livro dos Guerrilheiros*, existe explicitamente um intenso envolvimento da literatura com a consciência revolucionária, com a resistência à desumanização e à opressão vindas de um modelo político colonial explorador. Por este motivo, os personagens são colocados como sujeitos habilitados para cumprir tal tarefa. O projeto de libertação anunciado ativamente no primeiro romance é confirmado por uma espécie de balanço acionado pela memória na segunda narrativa.

Com este projeto em mente, os personagens travam uma luta com várias miras. Nessa Dissertação, mais especificamente, ficou clara a batalha contra o poder colonial em seus desdobramentos: resistência e luta pela descolonização, luta pela valorização da cultura tradicional do povo de Angola em seus espaços intrínsecos, como a noção do valor político da escola, para seus pares em nos costumeiros espaços de cultura. Todas essas ações são lastreadas pela solidariedade e pela resistência em que os personagens atuam como instrumentos de combate contra a tirania do europeu colonizador.

Os articuladores desta luta são os intelectuais, angolanos de verdade, conscientes da sua responsabilidade social e que se envolveram diretamente nessa empresa. Esse grupo atuou aliado a escritores como Luandino Vieira, que foi, certamente, um dos protagonistas desta História de luta que repercute até os dias de hoje. Angola ainda sofre, graças ao modelo de colônia de exploração, os reveses deste legado, de extermínio do homem pelo homem. A luta pela vida longa da cultura do povo local, e ressaltando, também, o padrão político-social estéril e excludente que o povo angolano tem de sofrer ainda hoje, é o que leva os angolanos à radicalidade e até mesmo à guerrilha armada. Esta radicalidade, entretanto, é exposta de modo estratégico, com perspicácia, tendo a base de toda estas ações pautada nos aspectos do projeto de Luandino discutidos nesta Dissertação.

Por tal motivo, os textos do escritor em questão possuem *status* de documentos históricos e memorialísticos, haja vista os textos utilizados como base bibliográfica deste trabalho, produzidos em décadas várias por pensadores cientes da gravidade dos fatos debatidos, que reconhecem amplamente o projeto político-social das narrativas em questão. Os debates levantados nos romances não se esgotam, mesmo que, *a priori*, o primeiro romance pareça datado, uma vez que, como mostrado no parágrafo anterior, os fatos denunciados por Luandino ainda persistem apesar de o modelo governamental ter, de certa forma, mudado, mas os entraves apresentados pelas políticas econômicas e sociais até então perduram em Angola, com consequências acentuadamente graves. Por isso, os romances podem ser considerados uma espécie de alerta do acontecido e do que viria a acontecer futuramente nos anos que se seguiram à publicação deste escritor, de cunho engajado e também lúcido, em relação às questões sobre o colonialismo e à luta de descolonização.

É importante entender que uma invasão tão devastadora de um continente e de um país como Angola não desapareceria imediatamente após a descolonização. É necessário levar em conta que a libertação procedeu com a guerra, e, desde o início da opressão, a colonização sofria corrosão, e é por essas brechas que os resistentes atacavam. Sendo assim, um instrumento de oposição é a literatura de resistência, e Luandino a utilizava largamente, de modo refinado, sugerindo o combate por meio da guerrilha, apesar de o escritor não ter sido um guerrilheiro em razão do fato de ter estado preso por muitos anos. Ele, mediante sua literatura, propunha aos seus pares uma reflexão mais detida acerca dos meios que poderiam utilizar para alcançar o objetivo primordial de seus intentos: a libertação da colônia.

Por isso, não é de se admirar as reflexões que Luandino avança em suas narrativas, especialmente a última aqui estudada – *O Livro dos Guerrilheiros* –, em que o escritor apresenta com clareza o seu projeto de, talvez, em primeiro plano, desmistificar que nos dias atuais não existe mais nenhum resquício das ideologias colonialistas em Angola, e que com o processo de descolonização todos os problemas que o europeu trouxe ao país foram superados. Esta teoria de que os problemas e efeitos trazidos pelo colonizador foram suplantados é uma falácia na visão de intelectuais como Luandino Vieira, haja vista os periódicos atuais que ainda acusam a colonização em suas manchetes, declarando que problemas enfrentados pela população angolana, ainda hoje, tem como causa primeira a colonização.

Luandino Vieira é reconhecido por causa dos fatos aqui citados e ainda pela sua capacidade de construir a sua escrita como um intelectual, e também como alguém que incentiva a solidariedade. Chega-se a esta consideração analisando a trajetória de seus personagens nas duas narrativas aqui trabalhadas; ao estudá-los, nota-se a preocupação em colocá-los sempre em posição de união e de solidariedade.

A contribuição ideológica deste escritor, o sentimento de angolanidade, a sua responsabilidade social, o comprometimento político com as carências de seu povo e o esclarecimento da função da literatura, portanto, são marcas incontestáveis na obra (projeto estético e projeto ideológico) de Luandino Vieira. Por meio da literatura ele traçou o mapa dos acontecimentos da época e, atualmente, revisitando estes acontecimentos, encarrega seus personagens a apresentarem-se como figuras representativas das urgências do povo angolano.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Valentim. A África no imaginário político português. In: **Penélope**, n. 15, p. 39-52, 1995.

ANGOLA DESDE A COLONIZAÇÃO EUROPEIA. 2010. Disponível em: <<http://www.kunenerak.org/pt/pessoas/people+of+the+basin/history+of+the+basin+people/angola+european+presence.aspx>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana H. de L. Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. O autor como produtor. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Marcelo. Memórias da guerrilha: a disputa de um valioso capital. História oral. **Revista da Associação Brasileira da História Oral**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 91-110, 1999.

BOLLING, M.; MÖHLIG, J. G. (Eds.). **Quando veio a guerra o gado dormiu...** Himba tradições orais. História, tradições culturais e inovações na África austral. 1997. 382p. Vol. 1.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUREAU POLÍTICO. **A tentativa de golpe de Estado de maio de 1977**. Comitê Central do MPLA. Luanda: Edições Avante, 1977.

CABRAL, Amílcar. **Nacionalismo e cultura**. Ed. Xosé Lois Garcia. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1999.

_____. **Análise de alguns tipos de resistência**. 2. ed. Lisboa: Seara Nova, 1975.

CHAVES, Rita. Carta maior. **Luanda e Luandino**: personagens de muitas histórias na história de Angola. São Paulo: USP, 2006.

_____. **Angola e Moçambique**. Experiência colonial e territórios literários. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **A Formação do Romance Angolano**. São Paulo: Fb1p, 1999.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.); ANDERSON, Benedict (Int.) Trad. Vera Ribeiro. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências, séculos XII a XX. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUIMARÃES, Rogério da Silva. **As vulnerabilidades nos musseques luandenses na década de 1960**. Rio de Janeiro: ANPUH; Unirio, 2010.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GROSGUÉL, Ramón. **La descolonización del conocimiento**: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura Sousa Santos. USA: Berkeley University, 2010.

HARLOW, Bárbara. **Literatura de resistência**. Trad. Xoán V. Penedo. Santiago de Compostela: Laiovento, 1993.

<<http://www.opais.net/pt/revista/?det=35248&id=1639&mid=->>. Acesso em: 9 abr. 2014.

IBAZEBO, Isimeme. **Explorando a África**. São Paulo: Ática, 2001.

LARANJEIRA, Pires. Luandino Vieira: apresentação da vida verdadeira. In: **Revista de Cultura**, Petrópolis: Vozes, 73, vol. LXXIII, 1979. p.5-16.

LUANDINO, Vieira. **A vida verdadeira de Domingos Xavier**. São Paulo: Ática, 1975.

_____. **O Livro dos Guerrilheiros de Rios Velhos e Guerrilheiros II**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

LIMA, Conceição. **A dupla tradução do Outro cultural em Luandino Vieira**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

MADRUGA, Elisalva de Fátima. O ethos revolucionário da obra de Luandino Vieira. In: **EPA – Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas: Unicamp, n. 4, p. 159-168, 1984.

MARTIN, Vima. Luandino Vieira: engajamento e utopia. In: CAMPOS, Maria do Carmo S.; SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África & Brasil: letras em laços**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006. p.211-229.

MATTOS, Marcelo Brandão. Uns e Outros memória dos guerrilheiros em luta. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana de UFF**, v.3, n. 5, p. 177-184, 2010.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine; LINERA, Garcia. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

NEHONE, Roderick. **Literatura e poder político**. Moscovo, 2002. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/86-literatura-e-poder-politico>>.

NETO, A. Agostinho. **Sagrada esperança**. 9ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1979. [1974].

PEICY, Carlos. A vida verdadeira de Domingos Xavier: trajetória, arte e revolução. In: **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 10, 2010.

PINTO, António Costa. **O fim do império português**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

TRIGO, Salvato. Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira. Lisboa: Veja, s/d.

VEIGA, Maria Luiza. O Livro dos Guerrilheiros de Luandino Vieira: as vidas e valores e mortes exemplares de seus guerrilheiros andantes. In: **Revista Via Atlântica**, São Paulo: USP, n. 16, p. 281-285, 2009.

VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África Lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

WILLIAMS, Raymond. Você é marxista, não é? In: **Praga: Revista de estudos marxistas**. São Paulo: Boitempo Editorial, p. 123-134, 1997.

ZAMPARINI, Valdemar. Ficção e história em a Vida Verdadeira de Domingos Xavier. **Revista Polifonia**, Cuiabá, MT; UFMT, p. 160-179, 1993.